



UNIVERSIDADE
CATOLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Violência no namoro: autoestima, imagem corporal e
(des)ajustamento psicológico

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Educação**.

Catarina Maria Fernandes Macedo

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

FEVEREIRO 2024



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

**Violência no namoro: autoestima, imagem corporal e
(des)ajustamento psicológico**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Educação**.

Catarina Maria Fernandes Macedo

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Ângela Maria
Pereira e Sá Azevedo**

Resumo

A violência no namoro é um fenómeno de grande prevalência na população portuguesa, cuja relevância de investigações na área da psicologia tem aumentado. O objetivo deste estudo consiste em investigar se existe uma relação entre a violência no namoro (vitimização e perpetração), a autoestima, a imagem corporal e (des)ajustamento psicológico. Para alcançar esse objetivo, conduziu-se uma pesquisa quantitativa de natureza correlacional e transversal, composta por uma amostra de 100 estudantes universitários que se encontrem numa relação de namoro ou que tenham estado numa relação no último ano. Para avaliar a VN foi aplicado o *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2) e para avaliar a autoestima utilizamos a *Rosenberg Self-Esteem Scale* (RSES). O *Inventário de Esquemas sobre a Aparência* (ASI-R) foi aplicado para avaliar a imagem corporal e por fim utilizamos o Inventário de Sintomas Psicopatológico (BSI) para avaliar o (des)ajustamento psicológico. Foi também aplicado um *Questionário Sociodemográfico*. Os resultados demonstraram que a VN está relacionada com a imagem corporal, com a autoestima e com o (des)ajustamento psicológico. Além disso, varia conforme a idade e o sexo. Encontra-se relacionada com a experiência de sofrer violência no passado. A imagem corporal também varia conforme o sexo e a autoestima está relacionada com a escolaridade do pai. Os resultados revelaram que a experiência de violência encontra-se relacionada com a autoestima, a imagem corporal e o (des)ajustamento psicológico. Esta investigação permitiu contribuir para a literatura ao aprofundar a compreensão dos impactos psicológicos da violência no namoro e ao identificar áreas cruciais para investigações futuras.

Palavras-chave: Violência no namoro; Autoestima; Imagem Corporal; des(ajustamento psicológico)

Abstract

Dating violence is a highly prevalent phenomenon in the portuguese population, whose relevance of investigations in the field of psychology has increased. The main objective of this study is to investigate whether there is a relationship between dating violence, self-esteem, body image and psychological (mal)adjustment. To achieve this goal, quantitative research of correlational and transversal nature was conducted, consisting in a sample of 100 university students who are in a dating relationship or who have been in a relationship in the last year. To assess the dating violent, we applied the Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) and to evaluate the self-esteem we administered the Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES). The Appearance Scheme Inventory (ASI-R) was administered to evaluate body image and finally we used the Brief Symptom Inventory (BSI) to assess the psychological (mal)adjustment. A sociodemographic questionnaire was also administered. The results demonstrated that dating violence is related to body image, self-esteem, and psychological maladjustment. Furthermore, it varies depending on age and gender. It is related to the experience of suffering violence in the past. Body image also varies according to gender and self-esteem is related to the father's education. The results revealed that the experience of violence is related to self-esteem, body image and psychological maladjustment. This investigation allowed to contribute to the literature by deepening the understanding of the psychological impacts of dating violence and identifying crucial areas for future investigations.

Key-words: Dating violence; Self-esteem; Body Image; Psychological maladjustment)

Índice

Introdução.....	7
Enquadramento teórico.....	9
1. Violência no namoro: definição e tipologia	9
1.1. Violência no namoro e relação com as variáveis sociodemográficas	11
2. Autoestima: definição.....	13
2.1. Estudos da autoestima com as variáveis sociodemográficas.....	14
3. Imagem Corporal: definição.....	15
3.1. Estudos da imagem corporal com as variáveis sociodemográficas.....	17
4. (Des)ajustamento psicológico.....	18
4.1. Estudos do (des)ajustamento psicológico com as variáveis sociodemográficas .	19
5. A relação entre a violência no namoro, a autoestima, imagem corporal e o (des)ajustamento psicológico	20
Estudo Empírico	21
6. Método.....	22
6.1. Objetivos.....	22
6.1.1 <i>Objetivo geral:</i>	22
6.1.2 <i>Objetivos específicos:</i>	22
6.2. Hipóteses	23
6.3. Questões de investigação.....	23
6.4. Participantes/Amostra.....	24
6.5. Instrumentos	25
6.5.1. Questionário sociodemográfico.....	26
6.5.2. Revised Conflict Tactics Scales (CTS-2).....	26
6.5.3. Escala de autoestima de Rosenberg (RSES)	27
6.5.4. Inventário de Esquemas sobre a Aparência (ASI-R).....	27
6.5.5 Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI).....	28
6.6. Procedimentos	29
7. Resultados.....	31
Conclusão	70
Referências	72

Índice de Anexos

Anexo A – Consentimento Informado	80
Anexo B – Questionário sociodemográfico	81
Anexo C – CTS-2	83
Anexo D – RSES	85
Anexo E – ASI-R	86
Anexo F – BSI	88

Introdução

A violência no namoro (VN) é um fenómeno predominante na nossa sociedade, sendo por vezes considerado algo habitual (Yilmaz & Taplak, 2020). Apesar disso, os estudos relativos à problemática da violência em relações amorosas centram-se muito nas relações entre adultos casados, não se dando a devida atenção às relações de namoro prévias (Moral et al., 2017). Apesar da relevância social que este tema apresenta, o estudo desta temática ainda é algo recente na comunidade científica (Beserra, 2016), sendo por esse motivo importante a realização de um maior número de investigações sobre o tema.

As estatísticas dos estudos demonstram que um número considerável de jovens sofre com comportamentos de violência no seu relacionamento (Beserra et al., 2016; Santos et al., 2019; Santos & Caridade, 2017) e que esse fenómeno acarreta consequências sérias para o bem-estar e funcionamento dos sujeitos (Leitão et al., 2013; Preble et al., 2018; Van Ouytsel et al., 2018; Yilmaz & Taplak, 2020). Os estudantes universitários enfrentam uma maior vulnerabilidade relativamente à violência no namoro devido à interação, convivência, estudos e socialização que fazem com os seus colegas. Este tipo de exposição pode levar à adoção de comportamentos que podem ser negativos, dentro deles incluindo-se comportamentos violentos em relações amorosas (Duval et al., 2020).

Além disso, tem vindo a ser estudada a influência que a VN tem sobre a autoestima e imagem corporal. As investigações demonstram que baixos níveis de autoestima e insatisfação com a imagem corporal aumentam a probabilidade de se vir a tornar vítima de VN, já que nos referimos a sujeitos que estão mais suscetíveis a tolerar comportamentos abusivos por parte do seu parceiro (Bolívar-Suárez et al., 2013). Sabemos também que sofrer de VN vai ter efeitos no ajustamento psicológico dos indivíduos (Santos & Caridade, 2017), aumentando as probabilidades de perda de apetite, tristeza, solidão, raiva, dificuldades em adormecer, entre outros (Santos et al., 2019).

Portanto, para lidar eficazmente com este fenómeno, é crucial realizar mais estudos para fundamentar a relação entre estas variáveis e, assim, atuar na prevenção deste fenómeno e reduzir a sua prevalência (Pereira et al., 2018). Os programas de prevenção que têm vindo a ser desenvolvidos para combater a VN são principalmente direcionados para populações mais jovens de modo a realizar uma intervenção precoce (Murta et al., 2016).

Considerando as investigações científicas realizadas em relação ao tema da violência em relações de namoro e explorando aspectos menos investigados, a presente dissertação visa representar um contributo nesta área. Além de explorar a prevalência de VN em estudantes universitários, a presente investigação procurou investigar também os diferentes tipos de violência, diferenciando o seu domínio entre vítimas e agressores. Além disso, caracterizou-se a amostra ao nível da autoestima, da imagem corporal e do (des)ajustamento psicológico. Por fim, foram analisadas as possíveis relações e diferenças entre estas variáveis, assim como as variáveis sociodemográficas. O objetivo geral desta dissertação passa por perceber se o fenómeno da VN, tanto no papel de vítima como de agressor, se encontra relacionado com a autoestima, a imagem corporal e o (des)ajustamento psicológico.

No que diz respeito à sua organização será primeiramente apresentada a fundamentação teórica, nomeadamente a definição de VN, a sua caracterização e relação com as variáveis sociodemográficas. Aborda também a definição de autoestima, de imagem corporal e de (des)ajustamento psicológico, apresentando para cada uma a relação que as mesmas apresentam com as variáveis sociodemográficas. O último ponto centra-se na relação que estas quatro variáveis apresentam ter nos estudos já realizados. A parte metodológica apresenta os objetivos e hipóteses que foram definidas para esse estudo, assim como os participantes que farão parte do mesmo, os instrumentos escolhidos e o procedimento. Por fim, são apresentados os resultados obtidos e a discussão dos mesmos, terminando com uma conclusão geral sobre esta investigação.

Enquadramento teórico

Os estudos sobre a violência não são algo recente, visto que práticas violentas já são habituais desde a Antiguidade. Trata-se de um fenómeno social que motivou a preocupação da sociedade e de estudiosos de diversas áreas (Hayeck, 2009). Segundo a Organização Mundial de Saúde, a violência caracteriza-se pelo uso intencional de força física ou poder contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade. Os resultados da aplicação dessa violência passam por dano psicológico, morte, prejuízo, mau desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

1. Violência no namoro: definição e tipologia

A VN é definida como a perpetração de atos de controlo que ocorrem numa relação romântica sem coabitação e que se expressam em violência física, psicológica e sexual (Bolívar-Suárez, et al., 2021; Fernández-González et al., 2018). O objetivo do agressor passa por ter controlo e poder sobre o parceiro.

A VN é também referida como a perpetração de violência no contexto de um relacionamento de namoro, tendo como objetivo ter controlo e poder sobre o parceiro (Gonçalves & Machado, 2002 cit in Leitão et al., 2013).

Ser vítima de violência numa relação de namoro acarreta consigo consequências como o comprometimento do bem-estar individual e a perpetração de comportamentos de risco, como uso de substâncias, vandalismo, luta e comportamentos sexuais (Van Ouytsel et al., 2017). Trata-se de uma experiência stressante e desafiadora tendo consequências a nível psicológico, físico e de funcionamento individual não só a curto, mas também a médio e longo prazo (Leitão et al., 2013; Yilmaz & Taplak, 2020).

A APAV (2012) apresenta-nos seis tipos de violência: emocional, social, física, sexual, financeira e perseguição. Estes diferentes tipos de violência podem ser perpetrados numa relação de violência no namoro. A violência emocional refere-se a comportamentos que o parceiro íntimo tem de forma a provocar medo ou fazer com que a vítima se sinta inútil (e.g., magoar animais de estimação, humilhação em público ou na presença de amigos e familiares, ameaças). A violência social passa por comportamentos que visam restringir a vida social do parceiro(a) (e.g., controlar chamadas telefónicas, não permitir que saia de casa, controlar o telemóvel). Por outro lado, a violência física reflete-se em comportamentos de violência que o perpetrador inflige na vítima. Esses comportamentos podem ser estrangular, pontapear, esmurrar,

queimar, entre outros. A violência sexual diz respeito a comportamentos em que o companheiro força o outro a praticar atos sexuais que este não deseja (e.g., pressionar o parceiro para a prática de relações sexuais, forçar a prática de relações sexuais com outras pessoas). Relativamente à violência financeira, esta refere-se a comportamentos que têm como objetivo controlar o dinheiro do parceiro íntimo, sem que seja da sua vontade (e.g., controlar o ordenado, forçar o parceiro a justificar gastos, ameaçar retirar o apoio financeiro de forma a controlar o companheiro). Por fim, a perseguição passa por comportamentos que pretendem assustar e/ou intimidar o parceiro íntimo (e.g., seguir a pessoa até ao seu local de trabalho, controlar os seus movimentos).

No que diz respeito à prevalência, a violência no namoro apresenta taxas elevadas (Santos, 2015). Makepeace (1981) foi um dos autores pioneiros a realizar uma investigação sobre este tema. No seu estudo realizado com estudantes universitários dos Estados Unidos da América, um em cada cinco dos inquiridos já tinha tido uma experiência de violência numa relação de namoro. Além disso, a maioria dos inquiridos conhecia alguém que já teria estado envolvido numa situação dessas. A nível nacional, um dos primeiros estudos foi realizado por Machado e colaboradores (2003) e encontrou uma prevalência de violência em relações de namoro de 48%, sendo que 31% correspondem a perpetração e 43% a vitimização. Num outro estudo realizado em contexto nacional com estudantes universitários foi possível concluir que apenas seis de 168 sujeitos inquiridos, mencionou não ter qualquer tipo de comportamento abusivo na sua relação de namoro (Velo, 2013).

Mais recentemente, os valores encontrados são inferiores, com 27% dos sujeitos inquiridos sendo vítimas de pelo menos um comportamento abusivo. Ao nível da perpetração, 25,5% revelou já ter tido algum comportamento agressivo (Santos & Caridade, 2017). Num estudo realizado com estudantes universitário portugueses foi encontrada uma prevalência de VN de 52,6% (Marques, 2016). Beserra e colaboradores (2016) encontraram níveis inferiores, mas ainda com uma prevalência de 5.9%.

Num outro estudo realizado a nível nacional a prevalência de situações de violência numa relação íntima era considerável, com 13.9% dos inquiridos a revelar já terem perpetrado comportamentos de violência e 23.7% revelarem já terem sido vítimas destes comportamentos (Santos et al., 2019). Neves e colaboradores (2020) encontraram percentagens de prevalência superiores, sendo que metade dos inquiridos já teriam sido sujeitos a pelo menos um ato de violência numa relação de namoro. No que diz respeito

à perpetração 35% revelou já praticado pelo menos um ato de violência no seu relacionamento.

No que diz respeito à perpetração de comportamentos de violência em relações de namoro, há maior prevalência de aplicação de formas leves de violência. Parece haver também um aumento na prevalência de comportamentos abusivos nas relações atuais dos jovens inquiridos, em comparação com as suas relações passadas (Santos & Caridade, 2017). Ao nível da violência praticada e recebida, o tipo de violência mais prevalente é a violência psicológica (Marques, 2016; Neves et al., 2020; Santos et al., 2019; Veloso, 2013). A que menos surge é a violência sexual (Marques, 2016) e a violência física (Veloso, 2013).

1.1. Violência no namoro e relação com as variáveis sociodemográficas

Relativamente a diferenças de género na vitimização e perpetração de VN, determinados estudos demonstram haver maior prevalência de homens com práticas violentas numa relação íntima enquanto as mulheres surgem mais como vítimas (Leitão et al., 2013; Makepeace, 1981; Neves, et al., 2020). Segundo o relatório anual da APAV (2022) no ano passado, 8.5% das vítimas eram do sexo feminino e sofriam de violência por parte do seu companheiro. No que diz respeito ao sexo masculino a percentagem foi menor, com 4.7%. Também Marques (2016) obteve resultados que indicam diferenças ao nível da vitimização, no entanto o sexo masculino é o que apresenta maior percentagem. Isto é, há maior prevalência de homens a sofrer de violência no namoro comparativamente às mulheres nesta investigação.

Estudos internacionais indicam que uma em cada quatro jovens do sexo feminino reportou já ter exercido violência física para com o seu namorado. Comparativamente, um em cada oito rapazes relatou exercer violência física para com a sua namorada (Wincentak et al., 2017). A literatura não é consistente neste aspeto, sendo que determinadas investigações não encontraram diferenças de género significativas no que toca à perpetração ou vitimização (Beserra et al., 2016; Santos & Caridade, 2017; Santos et al., 2009).

Num estudo realizado com adolescentes e jovens adultos colombianos, os resultados demonstraram que os homens sofrem mais com violência física e sexual, assim como distanciamento e coerção por parte da(o) sua/seu parceira(o). Relativamente à perpetração de comportamentos de violência, destaca-se a violência sexual, humilhação, distanciamento e coerção. Uma grande percentagem dos homens infligem violência

sexual e uma grande proporção de mulheres infligem violência física e psicológica (Bolívar-Suárez et al., 2021). Já no estudo de Beserra e colaboradores (2016) o sexo masculino seria o maior perpetrador de violência psicológica e a mulher a maior perpetradora de violência sexual. Nos estudos nacionais de Caridade e Santos (2017) e Santos (2015) não foram encontradas diferenças de gênero no que diz respeito ao tipo de violência perpetrada nem na experiência de vitimação.

No que diz respeito às atitudes perante a VN, constata-se que o sexo é também um fator de influência. Num estudo realizado com estudantes universitários turcos, constatou-se que os jovens do sexo masculino apoiam mais este fenômeno comparativamente ao sexo feminino. Uma explicação para esse fenômeno poderá ser pela estrutura tradicional da sociedade, onde características como violência são vistas como símbolo de masculinidade. Dessa forma, torna-se importante eliminar discriminação de gênero e os obstáculos que o sexo feminino atravessa em todas as esferas de vida (Yilmaz & Taplak, 2020).

As consequências de ser vítima de VN varia conforme o tipo de abuso e o gênero. As consequências da violência física numa relação de namoro incluem o tabagismo (nos rapazes e raparigas) e marijuana (nas raparigas), assim como a diminuição do círculo de amigos (nos rapazes). A violência psicológica tem como consequências o uso de álcool tanto nos rapazes como nas raparigas, e a internalização de sintomas é predominante no sexo feminino (Foshee et al., 2013). A violência psicológica também pode afetar negativamente a autoeficácia quando as vítimas internalizam as mensagens que esta passa (Shorey et al., 2012).

Relativamente à relação entre a VN e a idade, parece haver um aumento dos comportamentos de vitimização e perpetração conforme a idade e do tempo de namoro, particularmente no sexo feminino (Beserra et al., 2016). O risco de sofrer VN também aumenta com a idade (Carter-Snell, 2015). Num estudo realizado com jovens norte americanos, foi possível perceber que com o aumentar da idade aumentava a probabilidade de experiência violência no namoro, tanto como vítima como perpetrador (Black et al., 2015).

No que diz respeito ao nível educacional dos pais, os estudos têm vindo a encontrar relações entre essa variável e a VN. O nível educacional das mães é um fator que influencia as atitudes relativas à VN. Yilmaz e Taplak (2020) concluíram que uma mãe de nível educacional elevado e que seja um modelo a seguir pode contribuir para que o

filho desenvolva atitudes negativas perante a VN, considerando os comportamentos de violência como sendo inaceitáveis.

No que remete para a relação entre a VN e a experiência de violência, Black e colaboradores (2015) concluirão que os jovens que foram expostos a situações de violência em casa (abuso ou negligência) eram mais prováveis de aceitar atitudes de violência em relações de namoro (vitimação ou perpetração). Num outro estudo realizado com uma amostra de estudantes universitários turcos, os resultados foram semelhantes demonstrando que os indivíduos que teriam sido expostos a uma situação de violência doméstica ou que já sofreram anteriormente VN têm maior tendência de se tornarem agressivos para com os outros (Yilmaz & Taplak, 2020).

Um estudo internacional concluiu que rapazes que foram expostos a violência doméstica praticada pela figura paterna apresentavam maiores percentagens de perpetração de violência no namoro, comparativamente com aqueles que não tiveram essa experiência de violência. Pelo contrário, raparigas que foram expostas a violência doméstica, praticada pela mulher, não apresentavam maiores percentagens de violência no namoro (Gage, 2016).

2. Autoestima: definição

O conceito de autoestima tem vindo a ganhar uma acrescida importância nos campos de estudo de Psicologia (Rosenberg et al., 1995). Rosenberg (1965, cit in Pereira et al., 2018) define este conceito como sendo a avaliação subjetiva e quantitativa que os indivíduos fazem de si próprios, seja relativa à sua autoimagem como à sua contribuição num domínio da vida.

A autoestima representa o nível de satisfação que os indivíduos tem consigo próprios (Loinaz et al., 2021) sendo composta por uma componente avaliativa e uma componente emocional, visto que a descrição que um sujeito faz de si próprio está repleta de implicações afetivas, avaliativas e emocionais (Gecas, 1982),

Serra (1988) define a autoestima como a avaliação que o individuo faz das suas virtudes e qualidades. Um individuo de autoestima elevada considerar-se-á competente enquanto um individuo de baixa autoestima irá se autodepreciar. É o resultado dos julgamentos que a pessoa faz de si própria no que diz respeito a assuntos referentes à sua identidade. Diz respeito ao nível de satisfação que a pessoa tem de si, da sua eficiência relativamente ao seu funcionamento e da sua atitude de aceitação em relação

a si (Quiles & Espada, 2009 cit in Mota, 2012). Além disso é um processo que decorre ao longo da vida (Curry & Johnson, 1992 cit in Mota, 2012).

Trata-se de um construto unidimensional que diz respeito à atitude global, positiva ou negativa, que o individuo tem de si (Fox & Cobin, 1989). É na autoestima que se refletem os sentimentos de autovalor.

Rosenberg e Simmons (1975) indicam que existem múltiplas áreas específicas da autoestima (e.g., aparência física, inteligência, eu emocional, social) que habitualmente se encontram relacionadas com a autoestima global. No entanto é necessário atentar que apesar de se encontrarem relacionadas não são equivalentes. A autoestima global diz respeito à atitude positiva ou negativa do individuo em relação ao seu *self* na sua totalidade (Rosenberg et al., 1995). É de componente mais afetiva e está mais associada ao bem-estar psicológico. Por outro lado, a autoestima específica parece ser mais avaliativa e crítica, de componente mais cognitiva e fortemente associada ao comportamento e resultados que esses comportamentos têm.

Pessoas com elevada autoestima consideram-se pessoas de valor, mas não se consideram necessariamente superiores aos outros. Por outro lado, baixa autoestima encontra-se associada a autorrejeição, insatisfação consigo e autodesprezo (Rosenberg & Simmons, 1975). Um sujeito de autoestima elevada encontra-se satisfeito consigo próprio sem se considerar mais ou menos do que aquilo que é. É alguém que se concebe como sendo merecedor de amor, tem uma perceção positiva de si e é capaz de perceber o seu valor. Uma autoestima elevada também está relacionada com se aceitar da forma que é (Mota, 2012).

A autoestima ocupa uma posição central para a explicação do comportamento humano (Fox & Cobin, 1989). É um indicador de bem-estar mental e é também um mediador do comportamento humano (Fox, 1988 cit in Raposo & Freitas, 1999). Está relacionada com diferentes problemas psicológicos (Loinaz et al., 2021), atuando como um recurso pessoal que interage com outros fatores, tanto individuais como contextuais e que influenciam a saúde e resiliência (Jankowiak et al., 2021).

2.1. Estudos da autoestima com as variáveis sociodemográficas

No que diz respeito à relação entre a autoestima e a variável sexo, os estudos demonstram que a autoestima é mais baixa nas raparigas comparativamente aos rapazes (Jankowiak et al., 2021; Qaisy, 2016; Rosenberg & Simmons, 1975). Rosenberg e

Simmons (1975) explicam que a nível social, as mulheres são caracterizadas como sendo menos racionais, competentes e organizadas comparativamente aos homens. Este tipo de caracterização pode causar efeitos negativos na autoestima das mulheres, levando a uma elevada prevalência de mulheres com baixa autoestima.

Estas diferenças na autoestima tendem a mudar ao longo dos anos (Rosenberg & Simmons, 1975). A autoestima é inferior nas raparigas em comparação aos rapazes por volta dos 14 anos, mas essa diferença altera-se por volta dos 15/16 anos (Raposo & Freitas, 1999). Contrariamente, Frost e McKelvie (2004) referem que a autoestima é superior nas raparigas, comparativamente com os rapazes, durante a infância, mas que durante a adolescência e a vida adulta a autoestima torna-se superior nos homens.

Com o aumentar da idade aumentam também preocupações relativas à imagem física, o que conseqüentemente leva a uma maior insatisfação com a imagem física (Mota, 2012). Desta forma, com o aumentar da idade dá-se um decréscimo na autoestima (Frost & McKelvie, 2004; Jankowiak et al., 2021).

Foi possível também apurar uma relação entre a autoestima e a exposição a situações de violência na infância, sendo que a autoestima será maior nos sujeitos que não experienciaram abuso (Jankowiak et al., 2021)

3. Imagem Corporal: definição

A investigação relativa ao construto da imagem corporal tem vindo a aumentar exponencialmente, tendo ganho maior atenção por parte da comunidade científica e aumentando os estudos que são realizados sobre a mesma (Cash, 2005).

A imagem corporal é o resultado de uma estrutura multidimensional que expressa a imagem que forma a mente do nosso corpo, assinalando o modo que o nosso físico se apresenta para nós próprios. São atitudes e valorizações que o individuo faz a respeito do seu próprio corpo e que nesse sentido se tornam fundamentais. Entende-se então que a imagem corporal não se encontra necessariamente relacionada com a nossa aparência física real (Pérez et al., 2016).

Apesar das diversas definições do conceito de imagem corporal que são propostas, a definição de Cash é aquela que integra maior consenso entre os autores (Nazaré et al., 2010). Cash (2002) exhibe uma definição de imagem corporal tendo em conta uma perspectiva cognitivo-comportamental. Esta perspectiva é orientada para a compreensão da experiência e o desenvolvimento de uma relação positiva entre os sujeitos e os seus corpos. Seguindo uma perspectiva cognitivo-comportamental é fundamental distinguir a

avaliação da imagem corporal e o investimento na mesma. A primeira diz respeito à satisfação ou insatisfação que os sujeitos sentem em relação a uma aparência, que deriva da congruência ou discrepância com a auto-percepção física e ideais físicos internalizados (Cash, 2005).

A dimensão de investimento está relacionada com a importância psicológica (cognitiva e comportamental) que os indivíduos atribuem à sua aparência física (Cash, 2005). Esta dimensão é composta por dois tipos: a saliência motivacional e a saliência auto-avaliativa da aparência. A saliência emocional diz respeito ao nível que os sujeitos valorizam a gestão da sua aparência, de forma a se apresentarem melhor e aumentarem a sua atratividade. Esta gestão não é algo necessariamente negativo ou desadaptativo, apenas reflete o cuidado com a aparência física ou o orgulho pela mesma. Por outro lado, a saliência auto-avaliativa refere-se à forma como as pessoas consideram que a sua aparência faz parte da sua identidade permitindo que isso avalie o seu valor pessoal. Esta saliência já se pode revelar mais desadaptativa visto que permite que a insatisfação com a imagem corporal interfira com áreas do funcionamento psicológico (Cash et al., 2003).

A imagem corporal é também constituída pelas percepções e as atitudes do sujeito em relação ao corpo (Cash & Szymanski, 1995 cit in Nazaré et al., 2010). Relativamente às percepções, estas referem-se ao rigor da avaliação que o sujeito faz de si no que diz respeito às suas características como tamanho, peso, forma, comparativamente às suas reais características e proporções. Por outro lado, a atitude é composta por duas componentes, uma avaliativa/afetiva, que se refere às emoções que o sujeito tem no que concerne ao seu corpo, e outra cognitiva/de investimento, relativa às crenças e ideias sobre a sua forma corporal e aparência (Bandield & McCabe, 2002 cit in Nazaré et al, 2010).

São múltiplos os fatores que influenciam a imagem corporal que os sujeitos apresentam, como fatores históricos e influências de desenvolvimento. Ao nível de socialização cultural, a influência surge através de mensagens culturais que transmitem padrões ou expectativas relativamente ao aspeto físico. Dentro de uma cultura surgem então noções como o tipo de característica físicas que são mais valorizadas e o que significa possuir ou não essas características. Os indivíduos internalizam esses valores culturais que depois vão influenciar as atitudes que eles têm em relação à imagem corporal. No que diz respeito às experiências interpessoais, as opiniões, expectativas e a comunicação, são transmitidas através das interações que os sujeitos fazem com o meio,

influenciando assim a sua concepção de imagem corporal. Estas interações podem ser por exemplo através do papel de mediação que os pais têm nos seus filhos, podendo transmitir criticismo, comparações ou estabelecer padrões em que depois a criança se compare. As características físicas são outra variável que afeta a imagem corporal. Esta influência ocorre devido ao facto de que a atratividade e aceitação social das características físicas de um sujeito têm impacto na forma como a pessoa se percebe e também na forma como é tratada pelos outros. Por fim, fatores da personalidade da pessoa também influenciam o modo como as atitudes relativas à imagem corporal do sujeito se formam. Um indivíduo com conceito positivo possivelmente formará uma imagem corporal positiva e reagir melhor forma perante situações que sirvam como ameaça à sua percepção corporal (Cash, 2002).

3.1. Estudos da imagem corporal com as variáveis sociodemográficas

Num estudo realizado com estudantes universitários portugueses do sexo masculino foi possível perceber que a prevalência de jovens com baixo grau de insatisfação com a sua imagem corporal é elevada, apesar de 38% ter um peso acima da variação normal (Mendes et al., 2021).

As diferenças na satisfação com a imagem corporal são elevadas entre homens e mulheres (González-Carrascosa et al., 2013). Num estudo realizado com adolescentes e jovens adultos colombianos, os resultados demonstraram que os homens apresentam maior insatisfação com a imagem corporal (Bolívar-Suárez et al., 2021). Pelo contrário o estudo de Ramos e colaboradores (2016) concluiu que as mulheres apresentam níveis mais altos de insatisfação com a imagem corporal do que os homens. Além disso foi também possível perceber que mesmo com um Índice de Massa Corporal (IMC) normativo, a satisfação com a imagem corporal era bastante mais baixa nas mulheres do que nos homens, sendo que estas se percecionavam como sendo gordas. Outras investigações também concluíram que as mulheres apresentam maior insatisfação com a imagem corporal comparativamente ao sexo masculino apesar do IMC (Francisco et al., 2012; Lin & Lin, 2018; Qaisy, 2016). Quando se trata de excesso de peso, ambos os sexos apresentam insatisfação corporal, demonstrando querer reduzir o peso (Silva et al., 2019).

A distorção da imagem corporal é mais elevada nas mulheres do que nos homens, sendo que estas tendem a se sentir mais gordas do que aquilo que são enquanto a

percepção dos homens corresponde ao seu estado nutricional (González-Carrascosa et al., 2013; Demarest & Allen, 2000).

No que concerne à relação entre imagem corporal e idade, os estudos encontram uma relação com a distorção da imagem corporal, mas não com a satisfação da mesma. Os participantes com mais de 25 anos consideravam a necessidade de ser mais magros, enquanto os inquiridos com mais de 30 anos tinham menor distorção da realidade (Demarest & Allen, 2000).

4. (Des)ajustamento psicológico

O ajustamento ou des(ajustamento) psicológico dos indivíduos pode ser avaliado através da presença ou ausência de sintomas psicopatológicos como depressão, ansiedade, hostilidade, obsessões-compulsões, sem sensibilidade interpessoal, psicoticíssimo, ideação paranoide, ansiedade fóbica, entre outros (Santos, 2015). Investigadores também medem o ajustamento psicológico através da resposta de bem-estar que o sujeito tem em resposta a uma situação stressante. Reflete se os sujeitos são capazes de aplicar estratégias de coping de forma eficaz independentemente das exigências que o contexto tem e do stress que essas exigências causam (Seaton, 2009).

De uma forma geral trata-se de um conceito abstrato, mas que geralmente se pode caracterizar por quatro dimensões. As principais dimensões são: o ajustamento psicológico como ausência de sintomas psicopatológicos (e.g., depressão, ansiedade); medidas de bem-estar como indicadores de um ajustamento positivo (e.g., autoestima); ajustamento psicológico como uma condição normal e maioritária; e ajustamento psicológico como uma característica pessoal de nível de adaptação positiva (e.g., inteligência emocional, resiliência) (Seaton, 2009)

A maioria dos estudos debruça-se sobre a perspectiva de que o ajustamento está relacionado com a ausência de sintomas psicopatológicos. A presença ou ausência de depressão e ansiedade são os indicadores principais dos estudos. Os estudos trabalham também muito sobre a adaptação que os indivíduos fazem a situações de vida stressantes. O ajustamento, quando relacionado com a ausência de comportamento desviante (e.g., alcoolismo, uso de drogas), refere-se ao quão os indivíduos estão próximos daquilo que é a norma. Aqueles que se afastam dessa norma serão considerados sujeitos com desajustamento psicológico.

O desajustamento psicológico inclui consequências para a saúde mental dos indivíduos. Pode caracterizar-se pelo aumento de psicopatologias como Perturbação de stress pós-traumático (PSPT), depressão, ansiedade e medo e stress psicossocial. (Raccanello et al., 2022). O desajustamento psicológico tem emergido como uma preocupação crescente entre os estudantes universitários (Hong & Cui, 2020). A American College Health Association (2017) concluiu que no ano académico de 2017 20.6% dos estudantes foram diagnosticados com depressão e ansiedade, sendo que 45.1% sofria de níveis de stress elevados. O desajustamento psicológico habitualmente coocorre com dificuldades académicas e financeiras, problemas familiares e problemas nas relações amorosas.

Ser vítima de VN acarreta sérias consequências ao nível do ajustamento psicológico dos indivíduos (Carter-Snell, 2015; Foshee et al., 2013; Santos, 2015; Santos et al., 2019). As consequências ao nível emocional e mental são extensas e podem permanecer a longo prazo, mas são poucos os estudos que procuram examinar essas consequências (Carter-Snell, 2015; Foshee et al., 2013). A vitimização em relações de namoro encontra-se relacionada com o uso de substâncias, depressão, perturbação de stress pós-traumático, baixo rendimento académico, comportamentos sexuais de risco, problemas de peso e automutilação (Carter-Snell, 2015). Alguns estudos encontraram também relação entre a VN e ideação suicida, sendo que jovens com ideação suicida reportaram já terem experienciado violência na relação de namoro (Chiodo et al., 2009).

As experiências que ocorrem com a VN são profundas e podem afetar o seu desenvolvimento psicológico assim como a sua saúde e percurso de vida (Carter-Snell, 2015). Num estudo longitudinal realizado por Exner-Cortens e colaboradores (2013) descobriu-se que cinco anos após ser vítima de VN, as mulheres teriam sofrido um aumento de sintomatologia depressiva, ideação suicida, episódios de alcoolismo e VRI em comparação com as mulheres que não eram vítimas de VN. Relativamente ao sexo masculino, também foram encontradas consequências negativas.

4.1. Estudos do (des)ajustamento psicológico com as variáveis sociodemográficas

Apesar de ambos os sexos terem consequências no seu ajustamento psicológico devido à VN, os resultados dessa experiência são diferentes (Exner-Cortens et al., 2013). Devries e colaboradores (2013) concluíram que a experiência de violência numa relação de namoro aumenta os riscos de surgimento de sintomas depressivos e tentativa de suicídio nas mulheres. Nos homens não foram encontradas relações estatisticamente

significativas. Já no estudo nacional de Santos e colaboradores (2019) não foram encontradas diferenças de gênero ao nível das consequências psicossociais da VN.

Foshee e colaboradores (2013) concluiu que ser vítima de VN aumenta sintomas internalizantes, principalmente e nas raparigas. Por outro lado, ser vítima de violência psicológica parece afetar mais o ajustamento psicológico dos homens do que das mulheres comparativamente a ser vítima de violência física (Exner-Cortens et al., 2013). Relativamente à experiência global de VN, as vítimas do sexo feminino apresentam maiores níveis de depressão, sintomatologia de internalização e perturbações alimentares (Santos, 2015).

5. A relação entre a violência no namoro, a autoestima, imagem corporal e o (des)ajustamento psicológico

Ser vítima de VN encontra-se relacionado com baixos níveis de autoestima (Bolívar- Suárez et al., 2021; Yilmaz & Taplak, 2020), o que consequentemente afetará aspetos como a imagem corporal (Moral et al., 2017; Smith et al., 2019). O mesmo se dá ao contrário, onde a insatisfação com a imagem corporal pode levar ao desenvolvimento e manutenção de baixos níveis de autoestima (Lin & Lin, 2018; Qaisy, 2016; Silva et al., 2019). No entanto, estudos como os de Turan e Baki (2020) não conseguiram determinar uma relação conclusiva entre a autoestima, imagem corporal e vitimização em relações de namoro.

Jovens com grande insatisfação com a sua imagem corporal, baixa autoestima e que já exerceram comportamentos de violência, tem maior probabilidade de se tornarem vítimas na sua relação amorosa. Isto acontece pelo facto de que sujeitos com baixa autoestima serem mais suscetíveis a tolerar comportamentos abusivos por parte do parceiro. O efeito que a baixa autoestima tem na vitimização na VN é mediada pela insatisfação na imagem corporal (Bolívar- Suárez et al., 2021).

A relação entre VN e imagem corporal é circular visto que insatisfação com a imagem corporal prediz VN e a ocorrência de VN leva a uma maior insatisfação com a imagem corporal (Bolívar-Suarez et al., 2021; Farhat et al., 2015). Predominantemente no sexo feminino, sujeitos que experienciaram situações de vitimização numa relação de namoro desenvolveram insatisfação com a sua imagem corporal (Farhat et al., 2015).

Num estudo realizado com adolescentes de diversos países, incluindo Portugal, os resultados demonstraram que a autoestima diminuiu com a exposição à VN. Uma

relação com violência não apresenta características como suporte, boa comunicação, um vínculo seguro, entre outros. Essa falta de suporte apresenta um impacto negativo no desenvolvimento de jovens adultos, influenciando de forma negativa a sua autoestima (Jankowiak et al., 2021). Turner e colaboradores (2010) destacam a violência sexual como sendo a principal tipologia que reduz a autoestima.

A autoestima prediz comportamentos de violência, como a agressão física e psicológica. Há uma relação negativa entre autoestima e agressão psicológica e física, tanto nos agressores como nas vítimas. Ou seja, quanto menor a autoestima, maior a probabilidade de exercer ou sofrer de agressão psicológica e física (D’Zurilla et al., 2003; Pereira et al., 2018). Pelo contrário, uma elevada autoestima encontra-se negativamente relacionado com agressividade (Rill et al., 2009).

A VN tem efeitos bastante nefastos no ajustamento psicológico dos jovens (Santos & Caridade, 2017). Jovens do sexo feminino vítimas de VN apresentam níveis superiores de depressão, perturbações alimentares e sintomatologia de internalização, comparativamente ao sexo masculino (Santos, 2015). Santos e Caridade (2017) também concluiu que as raparigas vítimas de VN apresentam maiores níveis de perda de apetite, tristeza e indícios de internalização (e.g., solidão), comparativamente com os rapazes. No estudo de Santos e colaboradores (2019) não foram encontradas diferenças de género ao nível das consequências da VN no ajustamento psicológico.

A violência nas relações afetivas tem efeitos negativos no ajustamento psicológico dos jovens adultos. Ao nível dos seus comportamentos e emoções poderão ter consequências como tristeza, raiva, solidão, raiva, dificuldades em adormecer, entre outras (Santos et al., 2019).

Estudo Empírico

Neste capítulo, apresentaremos a parte metodológica desta investigação. Abordaremos o método de investigação adotado, os objetivos gerais e específicos do estudo, assim como as hipóteses formuladas e as questões de investigação propostas. Também serão retratados os participantes do estudo com a caracterização dos mesmos. Serão detalhados os instrumentos utilizados para avaliar as variáveis desta investigação, juntamente com os procedimentos adotados ao longo da dissertação.

6. Método

Tendo em consideração os objetivos que temos para este estudo, concluímos que o método mais adequado é o quantitativo. A pesquisa será então de índole quantitativa, descritiva, correlacional e transversal. O método quantitativo pretende, acima de tudo, explicar e prever um fenômeno através das variáveis e análise de dados numéricos. Além disso, a intenção do método quantitativo é verificar proposições teóricas, o que é o caso. Este método também se caracteriza por ser conveniente para confirmar hipóteses, o que é outro objetivo que temos com esta investigação. Será um estudo descritivo, pois pretende descrever um fenômeno, e correlacional, pois irá examinar um conjunto de relações entre variáveis (Fortin et al., 2006).

O estudo é descritivo correlacional pois tem por objetivo examinar as relações entre um grupo de conceitos de forma a precisar quais é que se encontram associados. Segundo Fortin e colaboradores (2006), este tipo de investigações são utilizadas quando as variáveis ou conceitos em causa já foram descritos, sendo agora necessário perceber a relação entre os mesmos. Além disso, trata-se de um estudo transversal pois os dados foram recolhidos num único momento, não tendo sido feito qualquer tipo de seguimento dos sujeitos.

6.1. Objetivos

Tendo em conta a pesquisa bibliográfica realizada no âmbito da violência no namoro e a sua relação com a autoestima, imagem corporal e (des)ajustamento psicológico em jovens adultos, foi possível definir alguns objetivos.

6.1.1 Objetivo geral:

O principal objetivo deste estudo prende-se com estudar se existe relação entre a violência no namoro (vitimização e perpetração), a autoestima, a imagem corporal e o (des)ajustamento psicológico em estudantes universitários.

6.1.2 Objetivos específicos:

Os objetivos específicos pretendem primeiramente caracterizar a amostra em termos de violência no namoro, autoestima, imagem corporal e (des)ajustamento psicológico. Além disso pretende-se também perceber de que forma a violência no namoro, a autoestima, a imagem corporal e o (des)ajustamento psicológico variam em função das variáveis sociodemográficas: idade, sexo, escolaridade dos pais, ter sofrido ou assistido a violência no passado.

6.2. Hipóteses

De acordo com os objetivos definidos foram estabelecidas as seguintes hipóteses de investigação.

Hipótese 1: Existe uma relação entre a violência no namoro (vitimização) e a imagem corporal (Bolívar-Suarez et al., 2021; Farhat et al., 2015; Moral et al., 2017).

Hipótese 2: Existe uma relação entre a violência no namoro (vitimização e perpetração) e a autoestima (Bolívar-Suárez et al., 2021; Yilmaz & Taplak, 2020; Jankowiak et al., 2021).

Hipótese 3: O (des)ajustamento psicológico está relacionado com a violência no namoro (vitimização) (Santos & Caridade, 2017; Santos et al., 2019).

Hipótese 4: A violência no namoro (vitimização e perpetração) varia em função da idade (Beserra et al., 2016; Carter-Snell, 2015).

Hipótese 5: A violência no namoro (vitimização e perpetração) varia em função do sexo (Leitão et al., 2013; Makepeace, 1981; Neves et al., 2020).

Hipótese 6: A violência no namoro (vitimização e perpetração) varia em função da experiência de violência (sofrer ou presenciar) (Black et al., 2015).

Hipótese 7: A violência no namoro (perpetuação) varia em função da escolaridade da mãe (Yilmaz & Taplak, 2020)

Hipótese 8: A autoestima varia em função da idade (Frost & McKelvie, 2004; Jankowiak et al., 2021; Mota, 2012).

Hipótese 9: A autoestima varia conforme o sexo (Frost & McKelvie, 2004; Jankowiak et al., 2021; Raposo & Freitas, 1999; Rosenberg & Simmons, 1975).

Hipótese 10: A autoestima varia em função da experiência de violência (sofrer ou presenciar) (Jankowiak et al., 2021).

Hipótese 11: A imagem corporal varia com o sexo (Bolívar-Suárez et al., 2021; González-Carrascosa et al., 2013; Ramos et al., 2016).

Hipótese 12: O (des)ajustamento psicológico varia conforme o sexo (Devries et al., 2013; Exner-Cortes et al., 2013; Foshee et al., 2013; Santos, 2015).

6.3. Questões de investigação

Para os objetivos que definimos onde a literatura não nos permitiu definir uma hipótese, optamos por formular questões de investigação. Apresentamos então 8 questões de investigação:

1. A VN (perpetração) varia com a escolaridade do pai?
2. A VN (vitimização) varia conforme a escolaridade dos pais?
3. A imagem corporal está relacionada com a perpetração de VN?
4. O (des)ajustamento psicológico está relacionado com a perpetração de VN?
5. A autoestima varia conforme a escolaridade dos pais?
6. A satisfação ou insatisfação com a imagem corporal varia conforme a idade?
7. A imagem corporal varia conforme a escolaridade dos pais?
8. A imagem corporal varia conforme o sofrer ou assistir a violência no passado?
9. Há uma relação entre o (des)ajustamento psicológico e a idade?
10. O (des)ajustamento psicológico varia conforme a escolaridade dos pais?
11. O (des)ajustamento psicológico varia conforme o sofrer ou assistir a violência no passado?

6.4. Participantes/Amostra

A amostra deste estudo é de caráter não probabilístico por conveniência, visto que os questionários serão distribuídos em formato *online*, de forma aleatória a todos que correspondam às características da amostra (Fortin et al., 2006).

Os critérios de exclusão definidos passam por serem estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos e estarem atualmente numa relação de namoro ou terem estado numa relação de namoro nos últimos 12 meses. Optamos por estudantes universitários pelo facto de procurarmos jovens adultos que estejam numa relação de namoro, e a prevalência destas características nesta população demonstra-se ser considerável.

A amostra total deste estudo é composta por 100 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos ($M = 22.12$; $DP = 2.31$). Na tabela 1 consta que 82 sujeitos são do sexo feminino (82%) e 18 sujeitos do sexo masculino (18%). Relativamente à escolaridade do pai, 67% concluiu o 3º ciclo ou superior ($n = 67$). No que diz respeito à escolaridade da mãe, 59% concluiu o ensino secundário ou superior ($n = 59$). No que diz respeito à experiência de violência, 24% da amostra já sofreu violência no passado ($n = 24$) e 35% já assistiu a episódios de violência no passado ($n = 35$). Da amostra total, 81% dos inquiridos encontrava-se no momento do preenchimento do questionário numa relação ($n = 81$) e 19% não estava numa relação, mas tinha estado nos últimos 12 meses ($n = 19$).

Tabela 1*Descrição sociodemográfica da amostra*

Variável	Respostas	N	%	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade	18-29	100	100	22.12	2.311
Sexo	Feminino	82	82%		
	Masculino	18	18%		
Escolaridade do pai	1º Ciclo	14	14%		
	2º Ciclo	19	19%		
	3º Ciclo	25	25%		
	Ensino Secundário	18	18%		
	Licenciatura	16	16%		
	Mestrado	6	6%		
	Doutoramento	2	2%		
Escolaridade da mãe	1º Ciclo	7	7%		
	2º Ciclo	10	10%		
	3º Ciclo	24	24%		
	Ensino secundário	36	36%		
	Licenciatura	17	17%		
	Mestrado	6	6%		
Experiência de violência no passado (sofrer)	Sim	24	24%		
	Não	76	76%		
Experiência de violência no passado (assistir)	Sim	35	35%		
	Não	65	65%		
Estado de relacionamento	Está numa relação atualmente	81	81%		
	Esteve numa relação nos últimos 12 meses	19	19%		

6.5. Instrumentos

Para a recolha de dados vão ser aplicados cinco instrumentos: um questionário sociodemográfico (Anexo B), o *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS-2; Straus et al., 1996; versão portuguesa de Paiva & Figueiredo, 2006; Anexo C), a Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965; versão portuguesa de Santos & Maia,

2003; Anexo D), o Inventário de Esquemas sobre a Aparência (ASI-R; Cash et al., 2004; versão portuguesa de Nazaré et al. 2010; Anexo E), e o Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI; Derogatis, 1982; versão portuguesa de Canavarro, 1999; Anexo F).

6.5.1. Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi elaborado especificamente para este projeto de forma a recolher informações relativas às variáveis sociodemográficas dos participantes. É composto por nove perguntas de resposta fechada cuja finalidade é adquirir algumas informações gerais sobre os sujeitos. As variáveis abordadas são a idade, sexo, escolaridade dos pais, se estão numa relação de namoro atualmente ou estiveram nos últimos 12 meses e se já sofreram ou presenciaram situações de violência no passado. Inclui questões como “Encontra-se neste momento numa relação de namoro?”.

6.5.2. Revised Conflict Tactics Scales (CTS-2)

O CTS-2 (Straus et al., 1996; versão portuguesa de Paiva & Figueiredo, 2006) avalia a forma como os casais numa relação de namoro resolvem os seus conflitos, considerando estratégias de negociação ou de abuso, na perspetiva dos inquiridos. As questões são apresentadas em pares, sendo que cada item surge duas vezes, uma relativamente aos atos do próprio indivíduo (perpretação) e outra sobre os atos para com o indivíduo (vitimização). É apresentado numa escala de respostas de tipo *Likert*, refletindo a frequência de cada comportamento num determinado espaço de tempo durante o último ano. Contem oito categorias de resposta, sendo que as seis primeiras correspondem à prevalência e cronicidade no último ano: (1) “uma vez no ano anterior”; (2) “duas vezes no ano anterior”; (3) “3 a 5 vezes no ano anterior”; (4) “6 a 10 vezes no ano anterior”; (5) “11 a 20 vezes no ano anterior”; e (6) “mais de 20 vezes no ano anterior”. As restantes destinam-se a determinar a prevalência global: (7) não no ano anterior, mas ocorreu anteriormente”; e a inexistência deste tipo de abuso (8) nunca aconteceu (Anexo C).

Este instrumento é composto por 78 itens reunidos em cinco escalas: negociação, com seis itens; agressão psicológica, com oito itens; coerção sexual, com

sete itens; abuso físico sem sequelas com 12 itens; e abuso físico com sequelas, com seis itens. No que diz respeito às propriedades psicométricas, a versão portuguesa tem robustez psicométrica sendo que apresenta boa fidelidade com valor de alfa de cronbach de .79 para a escala total de perpetração e .74 para a escala total de vitimização.

No que concerne às propriedades psicométricas desta investigação, os valores de fiabilidade são bons. Para calcular o alfa de cronbach foram excluídos os itens referentes à escala de negociação visto que este estudo apenas pretende avaliar os atos de violência perpetrados ou sofridos. O alfa de cronbach para a escala total da perpetração foi então de .72 e para a escala total de vitimização foi .78.

6.5.3. Escala de autoestima de Rosenberg (RSES)

A escala de autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965; versão portuguesa de Santos & Maia, 2003) é constituída por 10 itens, sendo que 5 itens dizem respeito à orientação positiva e os outros 5 itens remetem para a orientação negativa (Anexo D). É uma escala que avalia um construto unidimensional em forma de resposta tipo *Likert* variando entre um e quatro, sendo que um corresponde a discordo fortemente e 4 corresponde a concordo fortemente, nos itens de orientação positiva. Nos itens de orientação negativa é ao contrário. O valor total de autoestima global é obtido através da soma de um dos itens, podendo o valor variar entre 10 e 40 pontos. Quando maior o resultado obtido, mais elevada será a autoestima global do sujeito inquirido. No que diz respeito às propriedades psicométricas, a adaptação para a população portuguesa obteve boas qualidades psicométricas com um alfa de Cronbach de .77 (na escala original foi de .89). Ao nível da consistência interna, os resultados demonstraram ser bastante estáveis. A validade também apresenta níveis aceitáveis para o contexto cultural português. No que concerne às propriedades psicométricas da RSES nesta investigação, os níveis de fiabilidade demonstraram serem bons com um alfa de cronbach de .79.

6.5.4. Inventário de Esquemas sobre a Aparência (ASI-R)

O ASI-R (Cash et al., 2004; versão portuguesa de Nazaré et al., 2010) é um inventário de autorresposta que tem como objetivo avaliar o nível de investimento dos sujeitos relativamente à sua imagem corporal, procurando analisar crenças nucleares em relação à importância, influência e significado da aparência ao longo da vida (Anexo E).

Este instrumento é composto por 20 itens, respondidos numa escala tipo likert onde a respostas variam entre um e cinco. As alternativas de resposta são “Discordo fortemente”, “Discordo”, “Não concordo nem discordo”, “Concordo” e “Concordo fortemente”.

O ASI-R é constituído por dois fatores: saliência auto-avaliativa, composta por 12 itens, e saliência motivacional, composta por oito itens. A saliência auto-avaliativa da aparência diz respeito às crenças que os sujeitos têm relativamente ao modo como seu aspeto físico tem influência no seu valor social ou pessoal e no seu sentido de self (e.g., “Ao controlar a minha aparência, consigo controlar muitos aspetos sociais e emocionais na minha vida”). A saliência motivacional refere-se à motivação para os indivíduos serem atraentes e gerirem a sua aparência (e.g., “Tento ser fisicamente tão atraente quanto consigo”). A pontuação final é obtida através da média das pontuações obtidas nos 20 itens da escala, variando entre um e cinco, sendo que quando mais próximo de cinco, maiores os níveis de investimento esquemáticos na aparência (Nazaré et al., 2010).

No que diz respeito às propriedades psicométricas estas demonstram-se ser boas. O alfa de Cronbach foi de .89 para a escala total, .85 para o fator um e .82 para o fator dois. Relativamente à validade esta também apresenta bons níveis, demonstrando-se ser capaz de avaliar eficazmente as crenças pessoais sobre a aparência. Desta forma, esta adaptação permite a sua utilização da escala tanto na prática clínica como na investigação (Nazaré et al., 2010). Nesta investigação, as propriedades psicométricas também foram boas. O alfa de Cronbach foi de .90 para a escala total, .88 para o fator um e .79 para o fator dois.

6.5.5 Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)

O BSI (Degoratis, 1982; versão portuguesa de Canavarro, 1999) tem por objetivo avaliar sintomas psicopatológicos em termos de nove dimensões (somatização; obsessões-compulsões; sensibilidade interpessoal; depressão; ansiedade; hostilidade; ansiedade fóbica; ideação paranóide; psicoticismo) e três índices globais. Estes índices globais correspondem a avaliações sumárias de perturbação emocional e são compostos por três dimensões: Índice Geral de Sintomas, que supõe o número de sintomas psicopatológicos e a sua intensidade; Total de Sintomas Positivos, que considera o

número de sintomas indicados e Índice de Sintomas Positivos, que concilia a intensidade de sintomatologia com o número de sintomas exibidos (Anexo F).

O inventário é composto por 53 itens, apresentados numa escala de resposta tipo *Likert* em que as respostas variam entre zero (“Nunca”) e quatro (“Muitíssimas vezes”). Inclui afirmações como “dificuldades em tomar decisões”, “pensamentos sobre a morte ou que vai morrer”, e “ter de evitar certas coisas, lugares ou atividades por lhe causarem medo”, onde os sujeitos classificam o grau em que cada problema os afetou na última semana.

No que diz respeito às qualidades psicométricas deste inventário, especificamente a fidelidade, o BSI apresenta um alfa de cronbach entre .62 e .80. Nas análises correlacionais feitas entre os itens, o valor obtido foi de .50 e .90. Relativamente à validade discriminante e concorrente os resultados demonstraram bons resultados. Nesta investigação, as qualidades psicométricas do inventário foram boas. Ao nível da fidelidade, o BSI apresentou para a escala total um alfa de cronbach de .98.

6.6. Procedimentos

A elaboração desta investigação iniciou-se com a revisão da literatura sobre o tema da violência no namoro de forma a perceber as variáveis que já estavam a ser estudadas e quais aquelas que seriam mais pertinentes de ser abordadas. A partir da pesquisa realizada foram delimitadas as variáveis principais assim como as variáveis sociodemográficas. Foi também definida a população e os instrumentos a utilizar para avaliar as variáveis escolhidas. Após a escolha dos instrumentos foi pedido autorização aos autores dos respetivos questionários para a utilização dos mesmos. De seguida, elaborou-se o questionário sociodemográfico e também o consentimento informado (Anexo A).

Na parte metodológica começamos por definir os objetivos. Foram estabelecidas as hipóteses de estudo, através da revisão da literatura realizada sobre o tema, e questões de investigação para aqueles objetivos que não tinham fundamentação teórica suficiente que permitisse a formulação de uma hipótese.

De seguida passamos à recolha de dados. O questionário esteve disponível online através do *Google Forms* a partir do dia 3 de Janeiro de 2023 e manteve-se durante cerca de dois meses. Tendo em consideração que a amostra deste estudo é uma amostra não probabilística por conveniência, o questionário foi partilhado através das

redes sociais (e.g., *Facebook*, *Instagram*) e através do e-mail institucional da Universidade Católica Portuguesa, centro regional de Braga. O questionário tinha presente o consentimento informado, sendo que só seria permitido responder quem aceitou participar de forma voluntário no estudo.

Após a recolha de dados avançamos para o tratamento dos mesmos. Para isso foi utilizado um programa informático de análise estatística que será descrito abaixo.

7. Resultados

Para a concretização deste estudo recorreremos ao programa informático de análise estatística: Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 28.0.

A análise estatística utilizada para os dados que foram recolhidos abrangeu medidas de estatística descritiva e de estatística inferencial. O nível de significância para rejeitar a hipótese nula foi definido em $\alpha \leq .05$. Foi também realizada uma análise exploratória dos dados para verificar a normalidade da amostra. A análise exploratória teve por base os valores de assimetria e curtose, os valores dos testes *Kolmogorov-Smirnov* e ainda a análise de gráficos. Nem todas as variáveis apresentaram uma distribuição normal, nesses casos recorreu-se a estatísticas não paramétricas. Quando estava presente normalidade da amostra utilizamos testes paramétricos.

Violência no namoro (prevalência)

Serão apresentados em primeiro lugar os resultados descritivos da amostra em termos das variáveis principais. No que diz respeito aos tipos de violência e à prevalência global dos mesmos, 74% dos inquiridos já perpetraram agressão psicológica, 23% perpetraram abuso físico sem sequelas, 16% coerção sexual e 8% perpetraram abuso físico com sequelas. No que diz respeito à vitimização, 24% dos sujeitos já foram vítimas de agressão psicológica, 24% forma vítimas de abuso físico sem sequelas, 30% foram vítimas de coerção sexual e 2% foram vítimas de abuso físico com sequelas. Relativamente à sua prevalência global total, 78% dos sujeitos foram vítimas de VN e 78% perpetraram VN (ver Tabela 2).

Tabela 2*Prevalência anual de VN (vítimas e agressores)*

Tipo de violência	Perpetração		Vitimização	
	n	%	n	%
Agressão psicológica				
Severa	24	24%	27	27%
Ligeira	69	69%	71	71%
Abuso físico s/ sequelas				
Severa	2	2%	3	3%
Ligeira	21	21%	23	23%
Coerção Sexual				
Severa	1	1%	6	6%
Ligeira	15	15%	28	28%
Abuso físico c/ sequelas				
Severa	2	2%	1	1%
Ligeira	5	5%	2	2%
Total	68	68%	72	68%

Como se comprova na tabela 3, o tipo de violência com maior percentagem de vitimização é a agressão psicológica ligeira (n = 71; 71%), seguindo-se da coerção sexual ligeira (n=28; 28%). No que diz respeito aos agressores, o tipo de violência mais perpetuada é a agressão psicológica ligeira (n = 69; 69%), seguindo-se da agressão psicológica severa (n = 24; 24%). Relativamente à prevalência anual total, 72% dos inquiridos foi vítima de VN e 68% perpetuou algum ato de violência na relação.

Tabela 3*Prevalência global de VN (vítimas e agressores)*

Tipo de violência	Perpetração		Vitimização	
	n	%	n	%
Agressão psicológica				
Severa	26	26%	29	29%
Ligeira	72	72%	73	73%
Abuso físico s/ sequelas				
Severa	3	3%	3	3%
Ligeira	22	22%	24	24%
Coerção Sexual				
Severa	1	1%	7	7%
Ligeira	16	16%	29	29%
Abuso físico c/ sequelas				
Severa	2	2%	1	1%
Ligeira	8	8%	2	2%

Relativamente aos níveis de autoestima da amostra, a média foi de 23 com um desvio-padrão de 1,59. No mínimo os sujeitos pontuaram 19 na escala e no máximo 27.

Tabela 4*Níveis de autoestima da amostra*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
RSES Total	23	1.59	19-27

Ao nível da imagem corporal, como é possível verificar na tabela abaixo, a média ao nível da escala total é de 3.37 ($DP = .058$). Relativamente à saliência auto-avaliativa a média é de 3.18 ($DP = 0.69$) e na saliência motivacional é de 3.65 ($DP = 0.57$).

Tabela 5*Níveis de imagem corporal da amostra*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
ASI-R Total	3.37	0.58	2.2-4.7
Saliência auto-avaliativa	3.18	0.69	1.5-4.8
Saliência motivacional	3.65	0.57	2.0-4.9

No que diz respeito à descrição da amostra ao nível do (des)ajustamento psicológico, o Índice Geral de Sintomas dos inquiridos apresenta uma média de 1.25 (DP = 0.80). Relativamente às restantes variáveis é possível verificar na tabela abaixo os valores da amostra.

Tabela 6*Níveis de (des)ajustamento psicológico da amostra*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
Somatização	1.04	0.89	0.0-3.57
Obsessivo-Compulsivo	1.63	0.93	0.0-3.67
Sensibilidade Interpessoal	1.37	1.03	0.0-4.0
Depressão	1.32	0.95	0.0-4.0
Ansiedade	1.34	0.95	0.0-4.0
Hostilidade	1.07	0.73	0.0-2.8
Ansiedade Fóbica	0.94	0.93	0.0-4.0
Ideação Paranoide	1.40	0.85	0.0-3.2
Psicoticismo	1.09	0.89	0.0-3.2
IGS	1.25	0.80	.06-3.47

De seguida, serão apresentados os resultados relativos às hipóteses e questões que foram desenvolvidas. A exposição dos resultados será feita abordando primeiro as análises estatísticas realizadas entre as variáveis principais (violência no namoro, imagem corporal, autoestima e (des)ajustamento psicológico). De seguida, apresenta-se as análises estatísticas efetuadas entre as variáveis principais e as variáveis sociodemográficas.

Violência no namoro e imagem corporal

Foi utilizado o teste de *Pearson* para perceber se há uma relação entre a violência no namoro (vitimização) e a imagem corporal. Foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre a “Saliência auto-avaliativa” e a agressão psicológica ligeira ($p = .043$), sendo essa relação positiva e baixa (ver tabela 7).

Tabela 7

Teste de Pearson para imagem corporal e violência no namoro - Vítima

		ASIR Total	Saliência auto-avaliativa	Saliência Motivacional
Agressão Psicológica Ligeira	<i>r</i>	.164	.205*	.044
Agressão Psicológica Severo	<i>r</i>	.046	.034	.054
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	<i>r</i>	.150	.147	.112
Abuso Físico sem sequelas Severo	<i>r</i>	.150	.133	.132
Coerção Sexual Ligeiro	<i>r</i>	.040	-.105	-.089
Coerção Sexual Severo	<i>r</i>	.143	.137	.112
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	<i>r</i>	.122	.099	.129
Abuso Físico com sequelas Severo	<i>r</i>	.119	.095	.129

* $p = .043$

O mesmo teste foi aplicado para perceber se existe uma relação entre a perpetração de VN e a imagem corporal. Não foram encontradas relações estatisticamente significativas (ver tabela 8).

Tabela 8*Teste de Pearson para imagem corporal e violência no namoro - Agressor*

		ASIR	Saliência	Saliência
		Total	auto-avaliativa	Motivacional
Agressão Psicológica Ligeira	<i>r</i>	.072	.093	.014
Agressão Psicológica Severo	<i>r</i>	-.025	-.052	.031
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	<i>r</i>	.150	.135	.134
Abuso Físico sem sequelas Severo	<i>r</i>	.122	.099	.130
Coerção Sexual Ligeiro	<i>r</i>	.072	.091	.015
Coerção Sexual Severo	<i>r</i>	.119	.095	.129
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	<i>r</i>	.148	.130	.139
Abuso Físico com sequelas Severo	<i>r</i>	.153	.172	.074

Violência no namoro e autoestima

De modo a testar a relação entre a violência no namoro (vitimização e perpetração) e a autoestima foi realizado o teste de *Pearson*. No que diz respeito aos agressores (ver tabela 9) não foram encontradas relações estatisticamente significativas.

Tabela 9*Teste de Pearson para violência no namoro e autoestima - Agressor*

		Autoestima
Agressão Psicológica Ligeira	<i>r</i>	-.130
Agressão Psicológica Severo	<i>r</i>	-.008
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	<i>r</i>	-.011
Abuso Físico sem sequelas Severo	<i>r</i>	.003
Coerção Sexual Ligeiro	<i>r</i>	-.166
Coerção Sexual Severo	<i>r</i>	.000
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	<i>r</i>	-.001
Abuso Físico com sequelas Severo	<i>r</i>	.114

Por outro lado, como se pode verificar na tabela 10, foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre vítimas de violência do namoro e a autoestima na variável “Coerção Sexual Ligeiro” ($p = .023$), sendo essa relação negativa e baixa.

Tabela 10

Teste de Pearson para violência no namoro e autoestima - Vítima

		Autoestima
Agressão Psicológica Ligeira	<i>r</i>	-.145
Agressão Psicológica Severo	<i>r</i>	-.062
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	<i>r</i>	-.018
Abuso Físico sem sequelas Severo	<i>r</i>	-.013
Coerção Sexual Ligeiro	<i>r</i>	-.228*
Coerção Sexual Severo	<i>r</i>	.012
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	<i>r</i>	.003
Abuso Físico com sequelas Severo	<i>r</i>	.000

* $p = .023$

Violência no namoro e (des)ajustamento psicológico

Com o objetivo de perceber se há uma relação entre a violência no namoro (vitimização) e o (des)ajustamento psicológico foi realizado o teste de *Pearson* (ver tabela 11). Foram encontradas relações estatisticamente significativas nas variáveis “Somatização” ($p = .029$), “Obsessivo-Compulsivo” ($p = .014$); “Depressão” ($p = .022$); “Ansiedade” ($p = .035$); “Hostilidade” ($p = <.001$) e “Ideação Paranoide” ($p = .016$). As relações são baixas e positivas.

Tabela 11

Teste de Pearson para (des)ajustamento psicológico e violência no namoro

		Vitimização
Somatização	<i>r</i>	.226*
Obsessivo-Compulsivo	<i>r</i>	.253*
Sensibilidade Interpessoal	<i>r</i>	.177
Depressão	<i>r</i>	.236*
Ansiedade	<i>r</i>	.218*
Hostilidade	<i>r</i>	.367*

Ansiedade Fóbica	<i>r</i>	.114
Ideação Paranoide	<i>r</i>	.248*
Psicoticismo	<i>r</i>	.173

Relativamente aos agressores, foi encontrada uma relação estatisticamente significativa com a variável “Hostilidade” ($p = .008$), sendo essa relação baixa e positiva (ver tabela 12).

Tabela 12

Teste de Pearson para (des)ajustamento psicológico e violência no namoro

		Perpetração
Somatização	<i>r</i>	.035
Obsessivo-Compulsivo	<i>r</i>	.084
Sensibilidade Interpessoal	<i>r</i>	.082
Depressão	<i>r</i>	.132
Ansiedade	<i>r</i>	.088
Hostilidade	<i>r</i>	.278*
Ansiedade Fóbica	<i>r</i>	.025
Ideação Paranoide	<i>r</i>	.129
Psicoticismo	<i>r</i>	.128

Violência no namoro e variáveis sociodemográficas

Para verificar se há uma relação entre a idade e a violência no namoro (perpetração) foi aplicado o teste de *Pearson* (ver tabela 13). Foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre a idade e todas as variáveis da violência do namoro ($p < .05$), com a exceção do “Abuso Físico com Sequelas Severo”. A relação em todas é positiva e baixa.

Tabela 13*Teste Pearson para idade e violência no namoro – Perpetração*

		Idade
Agressão Psicológica Ligeira	<i>r</i>	.308*
Agressão Psicológica Severa	<i>r</i>	.284*
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	<i>r</i>	.308*
Abuso Físico sem sequelas Severo	<i>r</i>	.297*
Coerção Sexual Ligeiro	<i>r</i>	.204*
Coerção Sexual Severa	<i>r</i>	.301*
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	<i>r</i>	.275*
Abuso Físico com sequelas Severo	<i>r</i>	.170

* $p < .05$

Para perceber se existem diferenças na perpetuação de VN consoante a escolaridade dos pais, foi realizado o teste *ANOVA*. No que concerne à escolaridade do pai e a perpetuação de violência em relações amorosas, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver tabela 14).

Tabela 14*Teste ANOVA para a escolaridade do pai – Perpetração de VN*

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Agressão Psicológica Ligeira	13.2	19.4	10.5	24.9	5.9	8.0	5.2	5.3	6.87	8.36	.961	.433
Agressão Psicológica Severa	0.0	0.0	2.3	7.0	1.7	5.1	.83	1.9	.33	.63	.987	.419
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	1.0	2.4	3.2	11.4	.56	1.1	.38	.77	.21	.51	1.11	.356
Abuso Físico sem sequelas Severo	0.0	0.0	1.9	8.4	0.0	0.0	.05	.23	0.0	0.0	1.04	.390
Coerção Sexual Ligeiro	2.5	7.1	4.8	10.5	1.2	5.7	.33	1.0	2.58	7.87	1.08	.366
Coerção Sexual Severa	0.0	0.0	.47	2.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.06	.376
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	0.0	0.0	1.5	6.6	.25	.84	0.0	0.0	.043	.20	.917	.458
Abuso Físico com sequelas Severo	0.0	0.0	.05	.22	.08	.40	0.0	0.0	0.0	0.0	.608	.658

Relativamente à escolaridade da mãe, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis “Agressão Psicológica Ligeira” ($F = 3.595$, $p = 0.009$), “Agressão Psicológica Severa” ($F = 2.731$, $p = 0.034$), “Abuso Físico sem sequelas Ligeiro” ($F = 2.873$, $p = 0.027$), “Abuso Físico sem sequelas severo” ($F = 3.622$, $p = 0.009$), “Coerção Sexual Severa” ($F = 3.681$, $p = 0.008$) e “Abuso Físico com sequelas ligeiro” ($F = 2.731$, $p = 0.034$). Para perceber entre quais grupos ocorrem diferenças, recorreremos ao teste de comparações múltiplas de Gabriel. Foi possível perceber que relativamente à “Agressão Psicológica Ligeira” existem diferenças entre o 1º ciclo comparativamente ao “3º ciclo”, “Ensino Secundário” e “Licenciatura ou superior”. No que concerne à “Agressão Psicológica Severa” as diferenças encontradas foram entre o grupo do 1º ciclo e os grupos “Ensino Secundário” e “Licenciatura ou superior”. Em relação ao “Abuso Físico sem sequelas ligeiro” as diferenças foram novamente entre o “1º ciclo” comparativamente ao “3º ciclo”, “Ensino Secundário” e “Licenciatura ou Superior”. As restantes variáveis “Abuso Físico sem sequelas severo”, “Coerção Sexual Severa” e “Abuso Físico com sequelas ligeiro” apresentaram diferenças entre o grupo “1º ciclo” e todos os restantes graus de educação acima.

Tabela 15*Teste ANOVA para a escolaridade da mãe – Perpetração*

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Agressão Psicológica Ligeira	25.6	37.8	9.5	10.4	5.9	8.3	5.3	9.0	7.48	10.5	3.59	.00
Agressão Psicológica Severa	6.2	13.9	0.6	1.2	2.0	5.4	0.4	0.9	0.48	0.99	2.73	.03
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	7.1	18.4	0.0	1.0	0.8	0.1	0.3	0.7	0.59	1.94	2.87	.02
Abuso Físico sem sequelas Severo	5.2	13.8	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.1	0.0	0.0	3.62	.00
Coerção Sexual Ligeiro	7.6	14.7	2.9	9.1	2.5	7.0	1.6	5.8	1.21	5.62	1.06	.37
Coerção Sexual Severa	1.2	3.4	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	3.68	.00
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	4.1	10.9	0.1	0.3	0.2	0.8	0.0	0.1	0.0	0.0	3.36	.01
Abuso Físico com sequelas Severo	0.1	0.2	0.0	0.0	0.0	0.0	0.5	0.3	0.0	0.0	.821	.51

No que diz respeito às vítimas de violência no namoro, foi realizado o teste de *Pearson* para perceber se existe uma relação entre a idade e a vitimização (Tabela 15). Foram encontradas relações estatisticamente significativas entre a idade e as variáveis “Agressão Psicológica Severa” ($p = .006$), “Abuso Físico sem sequelas Severo” ($p = .014$), “Abuso físico com sequelas ligeiro” ($p = .002$) e “Abuso Físico com sequelas Severo” ($p = .002$). A relação em todas as variáveis é positiva e baixa.

Tabela 16

Teste Pearson para idade e violência no namoro – Vitimização

		Idade
Agressão Psicológica Ligeira	<i>r</i>	.183
Agressão Psicológica Severa	<i>r</i>	.278*
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	<i>r</i>	-.079
Abuso Físico sem sequelas Severo	<i>r</i>	.244*
Coerção Sexual Ligeiro	<i>r</i>	.004
Coerção Sexual Severo	<i>r</i>	-.105
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	<i>r</i>	.302*
Abuso Físico com sequelas Severo	<i>r</i>	.301*

* $p < .05$

Para calcular se existem diferenças na escolaridade dos pais dos inquiridos e a vitimização em relações de namoro, utilizamos o teste *ANOVA*. No que diz respeito à escolaridade do pai (ver tabela 17), não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > .05$).

Tabela 17*Teste ANOVA para a escolaridade do pai – Vitimização*

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Agressão Psicológica Ligeira	15.14	22.93	7.35	11.73	7.92	12.15	5.50	9.08	8.04	10.46	1.148	.339
Agressão Psicológica Severa	2.23	6.93	3.94	12.59	2.29	5.82	0.72	1.36	.87	2.17	.718	.582
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	.64	1.64	1.22	2.94	4.40	15.01	1.11	3.51	.62	1.55	.965	.430
Abuso Físico sem sequelas Severo	0.0	0.0	1.00	4.35	0.20	1.00	0.0	0.0	.08	.40	.861	.490
Coerção Sexual Ligeiro	5.76	14.97	3.78	7.27	3.88	9.44	.88	1.84	3.70	7.47	.645	.631
Coerção Sexual Severa	0.14	.53	.05	.22	.16	.80	.22	.94	.08	.28	.212	.931
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	0.0	0.0	2.10	9.17	.04	.20	0.0	0.0	0.0	0.0	1.056	.383
Abuso Físico com sequelas Severo	0.0	0.0	1.21	5.27	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.069	.376

No que concerne à escolaridade da mãe (ver tabela 18), foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis “Abuso Físico sem sequelas severo” ($F = 3.308, p = .014$), “Abuso Físico com sequelas ligeiro” ($F = 3.665, p = .008$) e “Abuso Físico com sequelas Severo” ($F = 3.681, p = .008$). Para perceber entre quais grupos ocorrem as diferenças, recorreremos ao teste de comparações múltiplas de Gabriel. Foi possível perceber que em todas as variáveis as diferentes decorrem entre o “1º Ciclo” e todos os restantes graus académicos acima.

Tabela 18*Teste ANOVA para a escolaridade da mãe – Vitimização*

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Agressão Psicológica Ligeira	15.42	17.61	9.33	10.68	8.26	12.32	6.00	9.79	9.95	18.12	.859	.492
Agressão Psicológica Severa	9.66	21.77	1.50	4.40	1.78	5.34	1.58	4.83	0.95	2.22	2.197	.075
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	1.57	4.15	1.20	2.14	5.41	15.41	0.34	0.63	0.52	1.37	1.782	.139
Abuso Físico sem sequelas Severo	2.71	7.18	0.0	0.0	0.29	1.08	0.0	0.0	0.0	0.0	3.308	.014
Coerção Sexual Ligeiro	10.50	19.91	6.2	12.69	3.83	7.89	1.88	5.84	2.78	5.98	1.628	.174
Coerção Sexual Severa	0.14	0.37	0.0	0.0	0.29	0.90	0.11	0.66	0.45	0.21	.628	.645
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	5.71	15.11	0.0	0.0	0.0	0.0	0.02	0.16	0.0	0.0	3.665	.008
Abuso Físico com sequelas Severo	3.28	8.69	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	3.681	.008

De modo a analisar as diferenças da violência no namoro em função do sexo foi realizado o teste de *Mann-Whitney*. Ao nível dos agressores, como é possível perceber na tabela 19, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis “Coerção Sexual Ligeiro” ($U = 560.500$; $p = .042$) e “Coerção Sexual Severo” ($U = 697.000$; $p = .033$), sendo a ordem média superior no sexo masculino.

Tabela 19

Teste Mann-Whitney para sexo e violência no namoro – Agressor

	Feminino	Masculino	<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	U	p
Agressão Psicológica Ligeira	48.11	52.89	641.000	.510
Agressão Psicológica Severo	48.90	52.35	640.000	.546
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	49.93	50.31	723.500	.944
Abuso Físico sem sequelas Severo	49.60	51.78	697.000	.234
Coerção Sexual Ligeiro	48.34	58.03	560.500	.042*
Coerção Sexual Severo	50.00	52.78	697.000	.033*
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	48.93	49.31	705.500	.894
Abuso Físico com sequelas Severo	50.12	52.25	706.500	.244

Relativamente às vítimas de violência no namoro (ver tabela 20) foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa na variável “Abuso Físico com Sequelas Severo” ($U = 697.000$; $p = .033$), sendo a ordem média superior no sexo masculino.

Tabela 20*Teste Mann-Whitney para sexo e violência no namoro –Vítima*

	Feminino	Masculino	<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	U	p
Agressão Psicológica Ligeira	48,93	52,06	674,000	.669
Agressão Psicológica Severo	47,79	57,65	550,000	.099
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	51,25	44,39	628,000	.215
Abuso Físico sem sequelas Severo	50,21	51,83	714,000	.466
Coerção Sexual Ligeiro	49,07	54,47	621,000	.375
Coerção Sexual Severo	49,48	52,33	687,000	.357
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	50,10	52,31	705,500	.229
Abuso Físico com sequelas Severo	50,00	52,78	697,000	.033*

Para perceber se existem diferenças ao nível da violência no namoro em função da experiência de violência no passado foi realizado o teste de *Mann-Whitney*. No que diz respeito aos agressores e à experiência de sofrer violência no passado, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis “Abuso físico sem sequelas severo” ($U = 825.000$; $p = .012$) e em “Abuso Físico com sequelas Ligeiro” ($U = 741.000$; $p = .003$) sendo a ordem média superior no grupo que sofreu violência (ver tabela 21).

Tabela 21*Teste Mann-Whitney para VN (agressor) e experiência de violência (sofrer)*

	Sofrer violência no passado			
	Sim	Não	<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	<i>U</i>	<i>p</i>
Agressão Psicológica Ligeira	50.13	48.65	825.000	.823
Agressão Psicológica Severo	53.92	48.07	782.000	.245
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	50.56	49.82	886.500	.877
Abuso Físico sem sequelas Severo	53.13	49.00	825.000	.012*
Coerção Sexual Ligeiro	51.19	49.62	871.500	.709
Coerção Sexual Severo	52.08	50.00	874.000	.075
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	54.63	47.15	741.000	.003*
Abuso Físico com sequelas Severo	51.56	50.16	886.500	.396

Relativamente aos agressores e à experiência de ter assistido a violência foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis “Agressão psicológica ligeira” ($U = 753.500$; $p = .020$) e “Agressão psicológica severa” ($U = 771.500$; $p = .002$), A ordem média em ambos é superior naqueles que assistiram a violência no passado (ver tabela 22).

Tabela 22*Teste Mann-Whitney para VN (agressor) e experiência de violência (assistir)*

	Sim	Não	<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	<i>U</i>	<i>p</i>
	Agressão Psicológica Ligeira	58.17	44.27	753.500
Agressão Psicológica Severo	58.81	44.55	771.500	.002*
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	55.43	47.16	920.500	.057
Abuso Físico sem sequelas Severo	50.47	49.75	1089.000	.629
Coerção Sexual Ligeiro	54.25	47.78	960.500	.088
Coerção Sexual Severo	51.43	50.00	1105.000	.173
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	50.66	48.06	1027.000	.255
Abuso Físico com sequelas Severo	52.36	49.50	1072.500	.053

No que toca às vítimas e à experiência de ter sofrido violência no passado (ver tabela 23) foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis “Abuso físico sem sequelas ligeiro” ($U = 708.500$; $p = .034$), “Abuso físico sem sequelas severo” ($U = 798.000$; $p = .002$), “Coerção sexual severa” ($U = 723.000$; $p = <.001$), sendo a ordem média superior naqueles que sofreram violência no passado.

Tabela 23

Teste Mann-Whitney para VN (vítima) e experiência de violência (sofrer)

	Sim	Não	<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	<i>U</i>	<i>p</i>
Agressão Psicológica Ligeira	55.78	47.57	718.000	.220
Agressão Psicológica Severo	54.44	47.90	769.500	.213
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	57.98	47.45	708.500	.034*
Abuso Físico sem sequelas Severo	55.25	49.00	798.000	.002*
Coerção Sexual Ligeira	55.85	48.13	759.500	.149
Coerção Sexual Severa	57.38	47.64	723.000	<.001*
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	51.60	50.15	885.500	.378
Abuso Físico com sequelas Severo	52.08	50.00	874.000	.075

Respetivamente às vítimas e à experiência de assistido a violência no passado (ver tabela 24), foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis “Agressão psicológica ligeira” ($U = 687.500$; $p = .002$) e “Agressão psicológica severa” ($U = 840.000$; $p = .026$) sendo a ordem média superior no grupo que assistiu a violência no passado.

Tabela 24*Teste Mann-Whitney para VN (vítima) e experiência de violência (assistir)*

	Sofrer violência no passado		<i>Mann-Whitney</i>	
	Sim	Não	<i>U</i>	<i>p</i>
	OM	OM		
Agressão Psicológica Ligeira	61.28	43.24	687.500	.002
Agressão Psicológica Severo	56.55	45.92	840.000	.026
Abuso Físico sem sequelas Ligeiro	54.54	47.52	961.000	.116
Abuso Físico sem sequelas Severo	50.46	50.52	1136.000	.971
Coerção Sexual Ligeiro	55.51	47.12	917.500	.082
Coerção Sexual Severo	49.82	50.09	1099.000	.915
Abuso Físico com sequelas Ligeiro	52.36	49.50	1072.500	.053
Abuso Físico com sequelas Severo	51.43	50.00	1105.000	.173

Autoestima e variáveis sociodemográficas

No sentido de verificar se a autoestima se encontra relacionada com a idade utilizamos o teste de *Pearson* (ver tabela 25). Não foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre a autoestima e a idade ($p = .148$).

Tabela 25*Teste de Pearson para idade e autoestima*

		Autoestima
Idade	<i>r</i>	-.146

Para perceber a autoestima varia conforme a escolaridade dos pais dos participantes foi utilizado o teste *ANOVA*. No que concerne à escolaridade do pai, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver tabela 26).

Tabela 26*Teste ANOVA para a escolaridade do pai e autoestima*

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Autoestima	23.1	1.64	23.3	1.34	23.2	1.61	23.2	1.42	22.3	1.76	1.47	.217

Relativamente à escolaridade da mãe, tal como se percebe na tabela abaixo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 27*Teste ANOVA para a escolaridade da mãe e autoestima*

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Autoestima	22.1	2.04	22.9	1.91	23.1	1.45	23.3	1.63	23.7	1.29	1.104	.359

De forma a perceber se existem diferenças na autoestima em função do sexo foi realizado o teste de *Mann-Whitney*. Como se percebe na tabela abaixo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos grupos ($U = 679$; $p = 0.590$).

Tabela 28*Teste de Mann-Whitney para autoestima e sexo*

	Masculino	Feminino	<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	<i>U</i>	<i>p</i>
Autoestima	47.22	51.22	679	.590

De modo a constatar se existem diferenças na autoestima conforme a experiência de violência (sofrer ou assistir) foi realizado o teste de *Mann-Whitney*. No que diz respeito a ter sofrido violência no passado (ver tabela 29) não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($U = 851.500, p = .678$).

Tabela 29

Teste de Mann-Whitney para experiência de violência (sofrer) e autoestima

	Sofrer de violência		<i>Mann-Whitney</i>	
	Sim	Não	<i>U</i>	<i>p</i>
	OM	OM		
Autoestima	48.40	51.16	851.500	.678

Relativamente à experiência de ter assistido a violência no passado (ver tabela 30), também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 30

Teste de Mann-Whitney para experiência de violência (assistir) e autoestima

	Assistir a violência		<i>Mann-Whitney</i>	
	Sim	Não	<i>U</i>	<i>p</i>
	OM	OM		
Autoestima	51.11	50.17	1116.000	.874

Imagem corporal variáveis sociodemográficas

Foi aplicado o teste *T-student* para avaliar as diferenças da imagem corporal em função do sexo. Como se pode observar na tabela abaixo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na variável “Saliência auto-avaliativa” [$t_{(98)} = 1.792, p = .038$], sendo as pontuações médias superiores nas raparigas ($M = 3.2386, DP = 0.679$)

Tabela 31

Teste T-student para imagem corporal e sexo

	Feminino		Masculino		Teste t		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>

ASIR Total	3.409	0.551	3.169	0.679	1.601	98	.056
Saliência auto-avaliativa	3.236	0.679	2.9167	0.776	1.792	98	.038
Saliência Motivacional	3.668	0.567	3.549	0.598	0.799	98	.213

Para perceber a relação entre a imagem corporal e a idade dos participantes, foi realizado o teste de *Pearson*. Como é possível perceber na tabela 32, não foi encontrada uma relação estatisticamente significativa.

Tabela 32

Teste de Pearson para imagem corporal e idade

		ASIR Total	Saliência auto-avaliativa	Saliência Motivacional
Idade	<i>r</i>	-.102	-.053	-.164

Para verificar se a imagem corporal varia conforme a escolaridade dos pais dos inquiridos, foi realizado o teste ANOVA. Relativamente à escolaridade do pai, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 33).

Tabela 33

Teste ANOVA para imagem corporal e escolaridade do pai

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
ASIR Total	3.19	0.56	3.51	0.49	3.29	0.65	3.33	0.49	3.47	0.63	.947	.440
Saliência auto-avaliativa	2.94	.68	3.38	.68	3.09	.83	3.16	0.49	3.26	.71	.970	.428
Saliência Motivacional	3.54	.57	3.69	.41	3.59	.62	3.57	0.61	3.79	0.59	.663	.619

No que diz respeito à escolaridade da mãe, como se comprova na tabela abaixo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > .05$).

Tabela 34*Teste ANOVA para imagem corporal e escolaridade da mãe*

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
ASIR Total	3.19	.67	3.43	.51	3.15	.67	3.44	.48	3.50	.59	1.478	.215
Saliência auto-avaliativa	2.87	.66	3.40	.68	2.95	.80	3.25	.62	3.29	.67	1.527	.201
Saliência Motivacional	3.66	.76	3.48	.51	3.45	.62	3.72	.49	3.80	.57	1.520	.200

A fim de testar se existem diferenças na imagem corporal em função da experiência de violência (sofrer ou presenciar) no passado foi realizado o teste de *Mann-Whitney*. No que diz respeito a ter sofrido de VN (ver tabela 35), foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na variável “Saliência auto-avaliativa” ($U = 594.000$, $p = .010$), sendo a ordem média superior naquelas que sofreram violência no passado.

Tabela 35*Teste de Mann-Whitney para imagem corporal e experiência de violência (sofrer)*

	Sofrer de violência					
	Sim		Não		<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	<i>U</i>	<i>p</i>		
ASIR Total	57.29	48.36	749.000	.188		
Saliência auto-avaliativa	63.75	46.32	594.000	.010		
Saliência motivacional	44.17	52.50	760.000	.219		

No que concerne a ter assistido a VN (ver tabela 36), não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > .05$).

Tabela 36*Teste de Mann-Whitney para imagem corporal e experiência de violência (assistir)*

	Assistir violência		<i>Mann-Whitney</i>	
	Sim	Não	<i>U</i>	<i>p</i>
	OM	OM		
ASIR Total	48.24	51.72	1058.500	.568
Saliência auto-avaliativa	49.71	50.92	1688.500	.842
Saliência motivacional	44.63	53.66	932.000	.136

(Des)ajustamento psicológico e variáveis sociodemográficas

Foi realizado o teste de *Mann-Whitney* para perceber diferenças ao nível do sexo no (des)ajustamento psicológico. Como se percebe na tabela 37, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 37*Teste de Mann-Whitney para (des)ajustamento psicológico e sexo*

	Feminino	Masculino	<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	<i>U</i>	<i>p</i>
Índice Geral de Sintomas	51.42	46.31	662.500	.498
Somatização	51.50	45.94	656.000	.461
Obsessões Compulsões	51.84	44.39	628.000	.323
Sensibilidade Interpessoal	52.40	41.86	582.500	.161
Depressão	51.30	46.86	672.500	.556
Ansiedade	51.62	45.39	646.000	.408
Hostilidade	50.94	48.50	702.000	.746
Ansiedade Fóbica	52.20	42.78	599.000	.209
Ideação Paranóide	50.71	49.56	721.000	.878
Psicoticismo	50.80	49.14	713.500	.825

De modo a perceber qual a relação entre o (des)ajustamento psicológico e a idade foi realizado o teste de *Pearson*. Como se percebe na tabela 38, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 38*Teste de Pearson para (des)ajustamento psicológico e idade*

		Idade
Índice Geral de Sintomas	<i>r</i>	-.113
Somatização	<i>r</i>	-.169
Obsessões Compulsões	<i>r</i>	-.052
Sensibilidade Interpessoal	<i>r</i>	-.084
Depressão	<i>r</i>	-.051
Ansiedade	<i>r</i>	-.095
Hostilidade	<i>r</i>	-.108
Ansiedade Fóbica	<i>r</i>	-.159
Ideação Paranoíde	<i>r</i>	-.105
Psicoticismo	<i>r</i>	-.069

Para perceber se o (des)ajustamento psicológico varia conforme a escolaridade dos pais dos participantes foi realizado o teste *ANOVA*. Relativamente à escolaridade do pai, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver tabela 39).

Tabela 39

Teste ANOVA para (des)ajustamento psicológico e escolaridade do pai

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Índice Geral de Sintomas	1.12	.97	1.33	0.99	1.18	0.79	1.25	.38	1.34	0.81	0.254	.907
Somatização	0.94	1.06	1.09	0.97	1.06	1.02	1.00	0.55	1.07	0.88	0.071	.990
Obsessões Compulsões	1.42	0.86	1.66	1.03	1.63	1.03	1.74	0.58	1.68	1.05	0.258	.904
Sensibilidade Interpessoal	1.08	1.14	1.49	1.30	1.25	0.99	1.5	0.75	1.45	0.99	0.502	.734
Depressão	1.16	1.21	1.45	1.10	1.27	0.87	1.19	0.65	1.48	0.97	0.448	.775
Ansiedade	1.20	1.09	1.39	1.13	1.29	0.87	1.29	0.59	1.48	1.07	0.235	.918
Hostilidade	0.91	0.69	1.15	0.89	1.09	0.76	1.10	0.41	1.13	0.79	0.305	.874
Ansiedade Fóbica	0.94	1.23	1.18	1.09	0.78	0.83	0.80	0.66	1.03	0.89	0.634	.640
Ideação Paranóide	1.30	1.01	1.46	1.02	1.35	0.86	1.52	0.31	1.38	0.91	0.185	.946
Psicoticismo	1.00	1.05	1.19	1.07	0.92	0.87	1.07	0.59	1.27	0.85	0.559	.693

No que diz respeito à escolaridade da mãe, como se comprova na tabela abaixo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > .05$).

Tabela 40

Teste ANOVA para (des)ajustamento psicológico e escolaridade da mãe

	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Índice Geral de Sintomas	0.67	0.46	1.41	0.87	1.36	0.95	1.15	0.71	1.39	0.79	1.456	.222
Somatização	0.31	0.34	1.24	1.03	1.25	1.07	.99	0.80	1.05	0.85	1.692	.158
Obsessões Compulsões	0.93	0.41	1.95	1.05	1.69	1.00	1.56	0.83	1.78	1.02	1.548	.195
Sensibilidade Interpessoal	0.57	0.57	1.73	1.04	1.42	1.09	1.19	1.00	1.67	0.99	2.358	.069
Depressão	0.69	0.56	1.52	1.01	1.33	1.12	1.22	0.81	1.59	0.98	1.458	.221
Ansiedade	0.74	0.56	1.40	0.99	1.53	1.09	1.23	.82	1.47	1.02	1.202	.315
Hostilidade	0.80	0.92	1.08	0.56	1.14	0.81	0.94	0.65	1.25	0.75	0.944	.442
Ansiedade Fóbica	0.26	0.44	1.02	0.82	1.18	1.23	0.87	0.81	0.97	0.83	1.459	.221
Ideação Paranóide	1.03	0.77	1.52	.97	1.50	.85	1.35	.83	1.44	0.86	0.52	.720
Psicoticismo	0.77	0.73	1.38	1.05	1.04	0.96	0.96	0.76	1.33	0.94	1.152	.337

A fim de perceber as diferenças no (des)ajustamento psicológico em função da experiência de violência (sofrer ou assistir) foi concretizado o teste de *Mann-Whitney*. Ao nível da experiência passada de sofrer violência foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis “Índice Geral de Sintomas” ($U = 632.000$, $p = .024$), “Sensibilidade Interpessoal” ($U = 641.000$, $p = .028$), “Depressão” ($U = 572.500$, $p = .006$), “Psicoticismo” ($U = 629.000$, $p = .022$), sendo a ordem média superior no grupo que sofreu de violência no passado (ver tabela 41).

Tabela 41

Teste de Mann-Whitney para (des)ajustamento psicológico e experiência de violência (sofrer)

	Sofrer violência no passado			
	Sim	Não	<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	<i>U</i>	<i>p</i>
Índice Geral de Sintomas	62.17	46.82	632.000	.024
Somatização	58.96	47.83	709.000	.100
Obsessões Compulsões	59.27	47.73	701.500	.089
Sensibilidade Interpessoal	61.79	46.93	641.000	.028
Depressão	64.65	46.03	572.500	.006
Ansiedade	59.27	47.73	701.500	.088
Hostilidade	58.38	48.01	723.000	.126
Ansiedade Fóbica	60.00	47.50	684.000	.064
Ideação Paranóide	58.67	47.92	716.000	.113
Psicoticismo	62.29	46.78	629.000	.022

No que toca à experiência de ter assistido violência no passado, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis “Índice Geral de Sintomas” ($U = 764.500, p = .007$), “Somatização” ($U = 824.500, p = .023$), “Obsessões Compulsões” ($U = 799.000, p = .014$), “Ansiedade” ($U = 768.500, p = .007$), “Hostilidade” ($U = 632.500, p = <.001$), “Ideação Paranóide” ($U = 686.000, p = .001$) e “Psicoticismo” ($U = 724.500, p = .003$). A ordem média é superior naqueles que já assistiram a violência no passado (ver tabela 42).

Tabela 42

Teste de Mann-Whitney para (des)ajustamento psicológico e experiência de violência (assistir)

	Assistir a violência no passado			
	Sim	Não	<i>Mann-Whitney</i>	
	OM	OM	<i>U</i>	<i>p</i>
Índice Geral de Sintomas	61.16	44.76	764.500	.007
Somatização	59.44	45.68	824.500	.023
Obsessões Compulsões	60.17	45.29	799.000	.014
Sensibilidade Interpessoal	55.63	47.74	958.000	.193
Depressão	56.44	47.30	929.500	.132
Ansiedade	61.04	44.82	768.500	.007
Hostilidade	64.93	42.73	632.500	<.001
Ansiedade Fóbica	57.37	46.80	897.000	.080
Ideação Paranóide	63.40	43.55	686.000	.001
Psicoticismo	62.30	44.15	724.500	.003

Discussão

Com a presente investigação pretende-se compreender o fenómeno da VN assim como perceber qual a sua relação com outras variáveis como a autoestima, a imagem corporal e o (des)ajustamento psicológico. A nível nacional é importante a realização de mais estudos ao nível da VN (Pereira et al., 2018) devido ao número notável de jovens que sofre comportamentos de violência em relações de namoro (Beserra et al., 2016; Santos et al., 2019; Santos & Caridade, 2017) e das consequências que esses comportamentos têm no bem-estar dos indivíduos (Leitão et al., 2013).

De modo a contribuir para a literatura ao nível da VN este estudo surge com o propósito de apresentar a prevalência de vítimas e agressores na população recolhida e a relação entre a vitimização e perpetuação de violência no namoro ao nível da autoestima, imagem corporal e (des)ajustamento psicológico.

No que diz respeito à primeira hipótese “Existe uma relação entre a violência no namoro (vitimização) e a imagem corporal”, os resultados vão de encontro à literatura que nos diz que ser vítima de violência no namoro afeta aspetos da imagem corporal (Moral et al., 2017; Smith, et al., 2019). Esta investigação permitiu perceber que as vítimas de agressão psicológica apresentam uma maior preocupação com o seu aspeto físico, considerando que o mesmo tem influência no seu valor pessoal e/ou social.

No que concerne à segunda hipótese “Existe uma relação entre a violência no namoro (vitimização e perpetuação) e a autoestima” também foram encontrados resultados que comprovam a hipótese e que vão de encontro à literatura (Bolívar-Suárez et al., 2021; Jankowiak et al., 2021; Turner et al., 2010; Yilmaz & Taplak, 2020). Foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre vítimas de coerção sexual e a autoestima, sendo que quanto maior a vitimização mais baixo é o nível de autoestima. No nosso estudo não foram encontradas relações estatisticamente significativas entre a autoestima e os agressores, ao contrário de estudos nacionais como os de Pereira e colaboradores (2018). Os autores concluíram que quanto menor a autoestima maior seriam os níveis de agressividade, nomeadamente psicológica e física. O facto de não terem sido encontradas relações significativas pode ser explicado pelo número reduzido de sujeitos na nossa amostra comparativamente ao do estudo de Pereira e colaboradores (2018) que contava com 435 sujeitos. Além disso, esse estudo incluiu não só relações de namoro como também incluiu sujeitos casados. Esse aspeto pode ter influenciado a diferença nos resultados.

Relativamente à hipótese 3 que nos diz que o (des)ajustamento psicológico está relacionado com ser vítima de violência no namoro, encontramos relações estatisticamente significativas. Ser vítima de VN encontra-se relacionada com maiores níveis de *distress* psicológico, pensamentos ou ações obsessivo-compulsivos, sintomas depressivos, sintomas clínicos de ansiedade, hostilidade e ideação paranoide. Os resultados vão de encontro à literatura que também encontraram relações entre a VN e a depressão (Santos, 2015), *distress* psicológico e hostilidade (Santos et al., 2019).

A hipótese 4 que formula que a violência no namoro (vitimização e perpetração) varia em função da idade vai de encontro aos resultados da investigação. Foram encontradas relações estatisticamente significativas que indicam que quanto maior a idade, maiores as percentagens de perpetuação de violência. Além disso, com o aumentar da idade aumentam também os comportamentos de vitimização, particularmente a agressão psicológica severa e o abuso físico sem sequelas severo. Os resultados vão de encontro à literatura (Beserra et al., 2016; Black et al., 2015).

Os resultados desta investigação também vão de encontro à hipótese 5 que nos indica a existência de uma variação na violência no namoro (vitimização e perpetração) em função do sexo. No que diz respeito à perpetração ela é superior no sexo masculino, resultado que vai de encontro à literatura (Leitão et al., 2013; Makepeace, 1981; Neves, et al., 2020). As diferenças estatisticamente significativas foram encontradas ao nível da coerção sexual, aspeto que também se percebe na investigação de Bolívar-Suarez e colaboradores (2021). No entanto, um estudo nacional de Beserra e colaboradores (2016) encontrou maior prevalência de perpetração de violência sexual nas mulheres, o que demonstra que os estudos ainda não são coerentes neste aspeto. Estudos como os de Caridade e Santos (2017) e Santos (2015) não foram capazes de encontrar diferenças de sexo. Relativamente à vitimização, a presente investigação encontrou maiores níveis de vitimização ao nível do abuso físico com sequelas severo no sexo masculino, o que também corresponde à literatura (Bolívar-Suárez et al., 2021; Wincentak et al., 2017).

No que respeita à hipótese 6, os resultados foram novamente congruentes com a literatura. Sofrer violência no passado está relacionado com a perpetuação de violência no namoro, especificamente a perpetuação de abuso físico com e sem sequelas, aspeto também encontrado no estudo de Yilmaz e Taplak (2020). O facto de ter assistido a violência no passado também se encontra relacionado com a perpetuação de atos de violência nas relações amorosas, como a agressão psicológica ligeira e severa. No que concerne às vítimas, sofrer de violência no passado encontra-se associado a tornar-se

vítima de violência no namoro, concretamente vítima de abuso físico sem sequelas e de coerção sexual. Assistir a violência no passado também se encontra relacionado com ser vítima, nomeadamente de agressão psicológica. Estudos como os de Black e colaboradores (2015) chegaram a conclusões semelhantes.

A respeito da hipótese 7 que nos indica que a violência no namoro (perpetuação) varia conforme a escolaridade da mãe, os resultados foram de encontro à literatura. Yilmaz e Taplak (2020) diz-nos que uma mãe de nível educacional elevado pode ser um modelo a seguir e deste modo contribuir para que os filhos desenvolvam atitudes negativas relativamente à VN. Os resultados desta investigação concluíram que existem diferenças na perpetuação de violência consoante a escolaridade da mãe, sendo que uma mãe com um nível de escolaridade mais baixo encontra-se associada a maiores níveis de perpetuação de violência, nomeadamente agressão psicológica, abuso físico e coerção sexual.

Relativamente à hipótese 8, que nos diz que a autoestima varia em função da idade, os resultados encontrados não são estatisticamente significativos. A literatura pelo contrário, diz-nos que quanto maior a idade, mais baixa é a autoestima (Frost & Mckelvie, 2004; Jankowiak et al., 2021). As diferenças podem ser explicadas pelas disparidades nas características dos estudos, visto que a investigação de Frost e Mckelvie (2004) foi realizada com jovens desde o ensino básico até ao ensino superior, enquanto a investigação atual apenas envolve estudantes universitários. Como a faixa etária não varia tanto pode não ter possibilitado que fossem encontradas diferenças. Além disso, o estudo de Jankowiak e colaboradores (2021) só envolveu sujeitos entre os 13 e os 16 anos, ou seja, adolescentes. Pelo contrário, a amostra desta investigação é constituída por jovens adultos.

Ainda no que concerne às hipóteses de investigação, a hipótese 9 “A autoestima varia conforme o sexo” não foi confirmada através dos nossos resultados. A literatura indicam que a autoestima é inferior no sexo feminino (Jankowiak et al., 2021; Qaisy, 2016; Rosenberg & Simmons, 1975), apesar de parecer ser superior comparativamente ao sexo masculino no período da infância (Frost & McKelvie, 2004). O facto de não terem sido encontradas diferenças na presente investigação pode dever-se ao número reduzido de população do sexo masculino, pois apenas representa 18% da amostra total. Os estudos referidos acima tinham uma amostra mais representativa e equilibrada relativamente a ambos os sexos.

No que diz respeito à hipótese 10, a presente investigação não encontrou dados significativos que comprovasse que a autoestima varia em função da experiência de violência (sofrer ou assistir). Jankowiak e colaboradores (2021) concluiu que a exposição a situações de violência na infância levava a níveis inferiores de autoestima comparativamente aqueles que não experienciaram abuso. Não terem sido encontradas diferenças nesta investigação pode dever-se ao facto de a nossa amostra ser reduzida. Além disso a prevalência de sujeitos que experienciaram violência no passado também é relativamente baixa, o que pode não ter permitido que fossem encontradas diferenças estatisticamente significativas.

A hipótese 11 diz-nos que a imagem corporal varia conforme o sexo, o que vai de encontro aos resultados da presente investigação. Bolívar-Suárez e colaboradores (2021) concluíram que os homens apresentam maior insatisfação com a imagem corporal, mas contrariamente outras investigações concluíram que as mulheres é que apresentam níveis maiores de insatisfação (Francisco et al., 2012; Lin & Lin, 2017; Ramos et al., 2016). O nosso estudo não encontrou diferenças ao nível do valor total de imagem corporal, mas sim ao nível da saliência auto-avaliativa. Ou seja, o sexo feminino apresenta mais crenças de que o seu aspeto físico influencia o seu valor pessoal e/ou social e o seu sentido de *self*.

Por fim, a hipótese 12 que nos indica que o (des)ajustamento psicológico varia conforme o sexo não foi de encontro aos nossos resultados. A literatura não é consistente neste tema sendo que alguns estudos indicam que os sintomas internalizantes são mais comuns no sexo feminino (Foshee et al., 2013), assim como sintomas de depressão e perturbações alimentares (Santos, 2015). Por outro lado, Exner-Cortens e colaboradores (2013) concluíram que a violência psicológica afeta mais o ajustamento psicológico dos homens do que o das mulheres. Estudos como os de Santos e colaboradores (2019), tal como a presente investigação, não encontraram diferenças estatisticamente significativas entre o género e o (des)ajustamento psicológico. No presente estudo os resultados podem ser explicados pelo número reduzido da amostra total e também pelo número reduzido de sujeitos do sexo masculino, que pode não permitir encontrar diferenças.

A respeito da primeira questão de investigação, não foram encontradas diferenças entre a perpetuação de violência no namoro e a escolaridade do pai. A literatura encontrada também não identificou diferenças entre estas variáveis.

Por outro lado, na segunda questão de investigação que incide sobre as diferenças entre a escolaridade dos pais e ser vítima de violência, foram encontrados resultados estatisticamente significativos. Mais uma vez, no que remete para a escolaridade do pai, não foram encontradas diferenças. No entanto, a vitimização varia conforme a escolaridade da mãe. Níveis mais baixos de escolaridade encontram-se associados a níveis mais elevados de vitimização, nomeadamente abuso físico com e sem sequelas. Yilmaz e Taplak (2020) concluiu que o nível educacional da mãe exerce influência sobre a perspectiva dos filhos relativamente à VN, ao contrário do nível educacional do pai. É necessário realizar mais estudos para confirmar se esta influência apenas advém do nível educacional da mãe.

A terceira questão de investigação remete para a existência de uma relação entre a imagem corporal e a perpetração de VN. Na nossa investigação não foi encontrada uma relação estatisticamente significativa. Apesar de a literatura referir uma ligação entre a imagem corporal e vitimização nas relações de namoro (Bolívar-Suarez et al., 2021; Farhat et al., 2015; Moral et al., 2017), o mesmo não acontece com ser perpetrador de comportamentos violentos. No entanto, apesar de a literatura não referir uma relação entre a perpetuação de violência em relações amorosas e a imagem corporal, refere que a autoestima afeta a imagem corporal (Moral et al., 2017; Smith et al., 2019). Por sua vez, uma autoestima baixa prediz comportamentos de violência (D’Zurilla et al., 2003; Pereira et al., 2018). Não termos encontrado resultados estatisticamente significativos pode dever-se ao facto desta relação não ser direta, o que indica a necessidade de fazer mais estudos para aprimorar a relação entre estas duas variáveis.

A quarta questão de investigação incide sobre a possibilidade de o (des)ajustamento psicológico estar relacionado com a perpetração de violência no namoro. A nossa investigação encontrou uma relação estatisticamente significativa entre as duas variáveis, sendo que quanto mais são os comportamentos de violência praticados, maiores são os níveis de hostilidade. Considerando que o ajustamento psicológico pode ser avaliado através da presença ou ausência de sintomas psicopatológicos, inserindo-se nesses sintomas a hostilidade, estes resultados são um sinal de desajustamento psicológico.

Na questão de investigação 5 que incide sobre a relação entre a autoestima e a escolaridade dos pais não foram encontradas relações significativas nos nossos resultados. Este aspeto pode dever-se ao facto de além de termos uma amostra reduzida

a mesma também não é representativa, visto se tratar de uma amostra não probabilística por conveniência. Além disso, é preciso considerar que pode haver variáveis moderadoras que não foram consideradas no nosso estudo e que podem ter influência tanto na escolaridade dos pais como na autoestima dos inquiridos.

No que concerne à questão de investigação 6 que remete para a relação entre a imagem corporal e idade, os nossos resultados não encontraram relações estatisticamente significativas. Na literatura também não foram encontradas relações entre a satisfação com a imagem corporal e a idade, mas sim com a distorção da imagem corporal (Demarest & Allen, 2000). O facto de não terem sido encontradas diferenças pode dever-se ao facto de a nossa amostra não abranger uma grande amplitude de faixa etária pois apenas engloba jovens adultos entre os 18 e os 39 anos. Além disso, o número da amostra é reduzido comparativamente a outros estudos da literatura.

Na questão de investigação 7 que considera a relação entre a imagem corporal e a escolaridade dos pais também não foram encontradas relações estatisticamente significativas. É importante considerar que a imagem corporal é um construto complexo e que pode ser influenciada por diversos fatores. O facto de não terem sido encontradas relações significativas pode dever-se ao possível enviesamento dos resultados no questionário relativo à imagem corporal. Apesar da confidencialidade é possível que os participantes tenham fornecido respostas socialmente desejáveis ao invés das suas verdadeiras perceções sobre a sua imagem corporal. Mais uma vez reforça-se as limitações ao nível da amostra, nomeadamente a sua representatividade e quantidade. É relevante refletir também sobre a possibilidade do instrumento escolhido para avaliar a imagem corporal não ter sido sensível o suficiente para captar diferenças.

A questão de investigação 8 que remete para uma relação entre a imagem corporal e a experiência de violência foi comprovada nos nossos resultados. No entanto, as relações estatisticamente significativas apenas foram encontradas na experiência de sofrer violência no passado, e não a experiência de assistir a violência. Ter sofrido violência no passado encontra-se então associado à dimensão “Saliência auto-avaliativa” da imagem corporal. Isto significa que a experiência de violência está associada a uma maior preocupação com a aparência física, considerando que a mesma faz parte da sua identidade e que influencia o seu valor pessoal e social. Os sujeitos com níveis elevados na “Saliência auto-avaliativa” consideram que ao controlar a sua aparência tornam-se capazes de controlar aspetos sociais e emocionais da sua vida.

No que diz respeito à questão de investigação 9 que incide sobre a relação entre o (des)ajustamento psicológico e a idade, a nossa investigação não encontrou uma relação estatisticamente significativa. Os resultados podem dever-se, mais uma vez, ao número reduzido da amostra e também ao facto de apenas incluirmos jovens adultos. Além disso, o ajustamento psicológico é influenciado por diversas outras variáveis que não foram avaliadas nesta investigação (e.g., resiliência). Estas variáveis têm influência direta para a presença de um indivíduo desajustado psicologicamente ou pelo contrário, com ajustamento psicológico. O facto de não termos considerado estes aspetos poderá justificar não termos encontrado relações significativas.

Também na questão de investigação 10 que recai sobre a relação entre o (des)ajustamento psicológico e a escolaridade dos pais, não foram encontradas relações estatisticamente significativas. Há a possibilidade de não terem sido encontradas relações significativas devido à influência de outras variáveis que não foram tidas em consideração, como o nível socioeconómico, as características individuais dos inquiridos, o ambiente familiar, entre outros. Além disso, a variabilidade na escolaridade dos pais também pode explicar o facto de não terem sido encontradas relações, visto que a escolaridade dos pais na amostra apresenta níveis muito distintos, desde o 1º ciclo até ao doutoramento.

Por fim, relativamente à questão de investigação 11 que incide sobre as diferenças no (des)ajustamento psicológico conforme a experiência de violência, a nossa investigação encontrou diferenças estatisticamente significativas. Indivíduos que sofreram violência no passado apresentam um maior número de sintomas depressivos, sentimentos de inferioridade, desconforto em relações interpessoais, isolamento e um maior *distress* psicológico. Os sujeitos que assistiram a situações de violência no passado apresentam maior *distress* psicológico, pensamentos ou ações obsessivo-compulsivos, sintomas de ansiedade, comportamento hostil, ideação paranoide e isolamento.

Em resumo, no que diz respeito às hipóteses de investigação, a maioria vai de encontro aos resultados do nosso estudo. Foi possível perceber que a VN está relacionada com a imagem corporal, com a autoestima e com o (des)ajustamento psicológico. Além disso, também foi possível perceber a relação entre a VN, a idade, o sexo e a experiência de violência. Foi também corroborada a hipótese de que a imagem corporal varia conforme o sexo. As restantes hipóteses contrariaram a literatura, não tendo sido encontrada uma relação entre a autoestima, a idade, o sexo e a experiência de

violência. Também não foram encontradas diferenças no (des)ajustamento psicológico em função do sexo. Sobre as questões de investigação, concluímos que a VN está relacionada com a escolaridade da mãe e que a autoestima também varia conforme a escolaridade dos pais. Relativamente à imagem corporal, a mesma não se encontra relacionada com a idade, nem com a escolaridade dos pais, no entanto encontra-se relacionadas com a experiência de sofrer violência no passado. Não foram encontradas relações entre o (des)ajustamento psicológico e a idade nem com a escolaridade dos pais, no entanto foram encontradas diferenças ao nível da experiência de violência (sofrer e assistir).

Conclusão

O presente estudo tem como objetivo contribuir para a investigação da violência no namoro e a sua relação com variáveis como a autoestima, a imagem corporal e o (des)ajustamento psicológico. Apesar de haver alguma literatura sobre o tema, a mesma ainda é escassa e necessita de mais fundamento, especialmente pelo elevado valor de prevalência deste fenómeno (Pereira et al., 2018). Esta investigação permitiu perceber que a prevalência de comportamentos agressivos nas relações de namoro é elevada, tanto a nível de perpetração como a nível de vitimização. No que diz respeito ao tipo de violência, a agressão psicológica é que apresenta maior prevalência, tanto ao nível de perpetração como ao nível da vitimização.

Outra das contribuições do estudo foi ao nível das relações entre a VN e as restantes variáveis do estudo. Foi possível comprovar que a vitimização em relações de namoro está relacionada com uma maior preocupação com o aspeto físico, nomeadamente a ideia de que a aparência física tem influência no valor pessoal, social e no *self*. Além disso, através desta investigação foi possível concluir que ser vítima de VN influencia a autoestima, sendo que quanto maiores os níveis de vitimização, mais baixa será a autoestima. Relativamente ao (des)ajustamento psicológico, foi possível perceber que os agressores apresentam maiores níveis de hostilidade e que as vítimas apresentam maior *distress* psicológico, pensamentos ou ações obsessivo-compulsivos, sintomas depressivos, ansiedade, ideação paranoide e hostilidade.

É importante ressaltar as limitações deste estudo, nomeadamente ao nível do tamanho da amostra. Devido ao elevado número de questões que totalizava 148 itens, devido a instrumentos como o CTS-2 e o BSI que eram consideravelmente longos, o número de desistências ao longo do preenchimento do questionário foi grande.

Outra limitação passa pelo número reduzido de sujeitos do sexo masculino, o que não nos permitiu encontrar diferenças ao nível do sexo. Esse aspeto era relevante para a investigação e para fazer comparações com a literatura existente. Além disso, o facto de a amostra ser por conveniência, sendo que o questionário foi distribuído online e partilhado maioritariamente por universidades do norte do país, não permite a generalização dos resultados.

Ademais, a presente investigação apenas inclui análises descritivas e correlacionais, não tendo sido realizadas análises de regressão. Para estudos futuros seria útil o recurso a análises de regressão pois desta forma permitia perceber que variáveis predizem a violência no namoro. A aposta em estudos longitudinais seria

também crucial para explorar o impacto que a violência no namoro tem a longo-prazo. Seria ainda pertinente que futuras investigações obtivessem amostras maiores, com uma distribuição mais equilibrada entre sexos e também com uma distribuição geográfica mais equitativa, para permitir que os resultados possam ser generalizados. Diversificar a amostra seria igualmente útil, abrangendo idades mais precoces, visto que a literatura apresenta prevalência de violência no namoro desde cedo.

Considerando os valores de prevalência obtidos nesta investigação e de se tratar de estudantes universitários, é importante atuar na prevenção deste fenómeno (Pereira et al., 2018), através da consciencialização dos jovens e de ações informativas relativamente a este fenómeno e às consequências do mesmo. A presente informação nesta dissertação permite contribuir para o enriquecimento de ações de prevenção ao nível da violência no namoro, considerando os resultados que foram obtidos. A continuação de investigação sobre este tema é importante para a atualização dos valores de prevalência.

Referências

- American College Health Association. (2017). National college health assessment II: Spring 2017 reference group executive summary. https://www.acha.org/documents/ncha/NCHA-II_SPRING_2017_REFERENCE_GROUP_EXECUTIVE_SUMMARY.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2012). Tipos de violência. <https://apav.pt/vd/index.php/vd/tipos-de-violencia>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2022). Relatório Anual 2021. https://apav.pt/apav_v3/images/press/Relatorio_Anual_2021.pdf
- Beserra, M., Leitão, M., Fabião, J., Dixe, M., Veríssimo, C., & Ferriani, M. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160024>
- Black, B., Chido, L., Preble, K., Weisz, A., Yoon, J., Delaney-Black, V., Kernsmith, P., & Lewandowski, L. (2015). Violence Exposure and Teen Dating Violence Among African American Youth. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(12), 2174-2195. <https://doi.org/10.1177/0886260514552271>
- Bolívar-Suárez, Y., Gómez, J., Yanez-Peñúñuri, L., Anaconda, C., & Gómez, A. (2021). Self-esteem, Body Image, and Dating Violence in Colombian Adolescents and Young Adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 5(63), 1-24. <https://doi.org/10.1177/0886260521994588>
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. Simões, C. Machado, M. Gonçalves, & L. Almeida (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população Portuguesa* (vol. III, pp. 305-331). Coimbra: Quarteto Editora
- Carter-Snell, C. (2015). Youth dating violence: A silent epidemic. In: Pooley J., & Myra, T. (eds.), *Overcoming domestic violence*. New York, Nova Science Publishers, 49-65.
- Cash, T. (2002). Cognitive-behavioral perspectives on body image. In Cash, T. & Pruzinsky T. (Eds.), *Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice* (pp. 38-46). New York: The Guilford Press.
- Cash, T. (2005). The influence of sociocultural factors on body image: Searching for constructs. *Clinical Psychology: Science & Practice*, 12(4), 438-442. <https://doi.org/10.1093/clipsy.bpi055>

- Cash, T., Melnyk, S., & Hrabosky, J. (2004). The assessment of body image investment: An extensive revision of the Appearance Schemas Inventory. *International Journal of Eating Disorders*, *35*(3), 305–316. <https://doi.org/10.1002/eat.10264>
- Chiodo, D., Wolfe, D., Croock, C., Hughes, R., & Jaffe, P. (2009). Impact of sexual harassment victimization by peers on subsequent adolescent victimization and adjustment: a longitudinal study. *Journal of Adolescent Health*, *45*(3), 246-252. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.01.006>
- Demarest, J., & Allen, R. (2000) Body Image: Gender, Ethnic, and Age Differences. *The Journal of Social Psychology*, *140*(4), 465-472. <https://doi.org/10.1080/00224540009600485>
- Devries, K., Mak, J., Bacchus, L., Child, J., Falder, G., Petzold, M., Astbury, J., & Watts, C. (2013). Intimate Partner Violence and Incident Depressive Symptoms and Suicide Attempts: A Systematic Review of Longitudinal Studies. *PLOS Medicine*, *10*(5), 1-11. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1001439>
- Duval, A., Lanning, A., & Patterson, S. (2020). A systematic review of dating violence risk factors among undergraduate college students. *Trauma, Violence, & Abuse*, *21*(3), 567-585. <https://doi.org/10.1177/1524838018782207>
- D’Zurilla, T. J., Chang, E. C., & Sanna, L. J. (2003). Self-esteem and social problem solving as predictors of aggression in college students. *Journal of Social and Clinical Psychology*, *22*, 424–440.
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rotham, E. 2013. Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics*, *131*(1), 71-78. <https://doi.org/10.1542/peds.2012-1029>
- Farhat, T., Haynie, D., Summersett-Ringgold, F., Brooks-Russell, A., & Iannotti, R. (2015). Weight perceptions, misperceptions, and dating violence victimization among US adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, *30*(9), 1511–1532. <https://doi.org/10.1177/0886260514540804>
- Fernández-González, L., Calvete, E., Orue, I., & Echezarraga, A. (2018). The role of emotional intelligence in the maintenance of adolescent dating violence perpetration. *Personality and Individual Differences*, *127*(1), 68-73. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.01.038>
- Fortin, M., Côté, J. & Filion, F. (2006). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Loures: Lusodidacta.

- Foshee, V. A., Reyes, H. L. M., Gottfredson, N. C., Chang, L. Y., & Ennett, S. T. (2013). A longitudinal examination of psychological, behavioral, academic, and relationship consequences of dating abuse victimization among a primarily rural sample of adolescents. *Journal of Adolescent Health, 53*(6), 723-729. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.06.016>
- Fox, K., & Corbin, C. (1989). The physical perception profile: Development and validation. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 11*, 408-430. <https://doi.org/10.1123/jsep.11.4.408>
- Francisco, R., Narciso, I., & Alarcão, M. (2012). (In)Satisfação com a imagem corporal em adolescentes e adultos portugueses: Contributo para o processo de validação da Contour Drawing Rating Scale. *RIDEP, 34*(1), 61-88. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=459645438003>
- Frost, J. & Mckelvie, S. (2004). Self-Esteem and Body Satisfaction in Male and Female Elementary School, High School, and University Students. *Sex Roles, 51*(1), 45-54. <https://doi.org/10.1023/B:SERS.0000032308.90104.c6>
- Gage, A. (2016). Exposure to spousal violence in the family, attitudes and dating violence perpetration among high school students in Port-au-Prince. *Journal of Interpersonal Violence, 31*(14), 2445-2474. <https://doi.org/10.1177/0886260515576971>
- Gecas, V. (1982). The self concept. *Annual Review of Sociology, 8*, 1-33.
- González-Carrascosa, R., García-Segovia, P., & Martínez-Monzó, J. (2013). Assessment of body image and eating attitudes in university students. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica, 18*(1), 45-59. <https://doi.org/10.5944/rppc.vol.18.num.1.2013.12762>
- Hayeck, C. (2009). Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, 1*(1), 1-8. <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10353>
- Hong, P., Cui, M. (2020). Helicopter Parenting and College Students' Psychological Maladjustment: The Role of Self-control and Living Arrangement. *Journal of Child and Family Studies, 29*, 338-347. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01541-2>
- Jankowiak, B., Jaskulska, S., Sanz-Barbero, B., Waszyńska, K., Claire, K. D., Bowes, N., Silva, E., Neves, S., Albaladejo-Blázquez, N., Pyzalski, J., Chmura-Rutkowska, I., & Vives-Cases, C. (2021). Will I Like Myself If You Hurt Me? Experiences of

- Violence and Adolescents' Self-Esteem. *Sustainability*, 13(21), 1-16.
<https://doi.org/10.3390/su132111620>
- Leitão, M., Fernandes, M., Fabião, J., Sá, M., Veríssimo, C., & Dixe, M. (2013). Prevenir a Violência no Namoro - N(Amor)O (Im)Perfeito – Fazer Diferente para Fazer a Diferença (O)Usar & Ser Laço Branco (2013) Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Plano de Actividades. Coimbra: 2013, 25-42.
- Lin, H., & Lin, Y. (2018). The Study of Body Image, Self-esteem and Sexual Satisfaction of College Students in Southern Taiwan. *Universal Journal of Educational Research*, 6(4), 647-652. <https://doi.org/10.13189/ujer.2018.060408>
- Loinaz, I., Sánchez, L., & Vilella, A. (2021). Understanding empathy, self-esteem, and adult attachment in sexual offenders and partner-violent men. *Journal of interpersonal violence*, 36(5-6), 2050-2073.
<https://doi.org/10.1177/0886260518759977>
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33(1), 69-83.
https://www.researchgate.net/publication/281067178_Violencia_nas_relacoes_d_e_namoro_Influencia_de_crenças_e_area_de_formacao
- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30(1), 97-102. <https://doi.org/10.2307/584242>
- Marques, M. (2016). Violência no namoro em estudantes universitários portugueses [Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/5311>
- Mendes, J., Amaral, F., Moniz, C., Câmara, S., & Medeiros, T. (2021). Imagem corporal e autoestima em homens estudantes universitários. *Revista Portuguesa de Psicologia da Aparência*, 1(1), 5-22. <https://doi.org/10.52014/rppa.v1.i1.2021.14>
- Moral, M., García, A., Cuetos, G., & Sirvent, C. (2017). Dating violence, emotional dependence and self-esteem in spanish adolescents and young adults. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 8(2), 96–107.
<https://doi.org/10.23923/j.rips.2017.08.009>
- Mota, S. (2012). *Factores que promovem o desempenho escolar em pessoas com limitação visual: o papel da imagem corporal, auto-estima e auto-conceito*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa.

- Murta, G., Moore, A., Miranda, V., Cangussú, A., Santos, D., Bezerra, T., & Veras, G. (2016). Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. *Psico-USF*, 21(2), 381-393. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210214>
- Nazaré, B., Moreira, H., & Canavarro, M. (2010). Uma perspectiva cognitivo-comportamental sobre o investimento esquemático na aparência: Estudos psicométricos do Inventário de Esquemas sobre a Aparência – Revisto (ASI-R). *Laboratório de Psicologia*, 8(1): 21-36.
- Neves, S., Ferreira, M., Borges, J., Correira, M., Abreu, A., Correira, A., Topa, J., & Silva, E. (2020). Estudo nacional sobre a violência no namoro em contexto universitário: crenças e práticas. Associação Plano i. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/02/Estudo-Nacional-VN-2017-2020.pdf>
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das Escalas de Táticas de Conflito Revisadas: Estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39. <http://hdl.handle.net/1822/41636>
- Pereira, O., Fernandes, O., & Relva, I. (2018). Violência no namoro: táticas de resolução de conflito, autoestima, inteligência emocional, sintomatologia psicopatológica e atitudes legitimadoras acerca da violência, numa amostra de jovens universitários portugueses. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. (Tese de Mestrado)
- Pérez, M., Santos, M., Granados, H., Díaz, E., Álvarez, J., & Guerrero, S. (2016). Perception of body image and its relationship to the nutritional and emotional state in schoolchildren 10-13 years of three schools in Barranquilla (Colombia). *Salud Uninorte*, 32(3), 472–482. <https://doi.org/10.14482/sun.32.2.9747>
- Preble, K. M., Black, B. M., & Weisz, A. N. (2018). Teens’ and parents’ perceived levels of helpfulness: An examination of suggested “things to say” to youth experiencing teen dating violence. *Children and Youth Services Review*, 85, 326–332. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.01.010>
- Qaisy, L. (2016). Body Image and Self-Esteem among Isra’ university students. *British Journal of Education*, 4(8), 63-71. <http://www.eajournals.org/wp-content/uploads/Body-Image-and-Self-Esteem-Among-Isra%E2%80%99-University-Students.pdf>
- Ramos, P., Rivera, F., Pérez, R. S., Lara, L., & Moreno, C. (2016). Gender differences in body image and its relevance in body weight control. *Escritos de Psicología*, 9(1), 42–50. <https://doi.org/10.5231/psy.writ.2015.1409>

- Raccanello, D., Rocca, E., Barnaba, V., Vicentini, G., Hall, R., & Brondino, M. (2023). Coping Strategies and Psychological Maladjustment/Adjustment: A Meta-Analytic Approach with Children and Adolescents Exposed to Natural Disasters. *Child Youth Care Forum* 52, 25–63. <https://doi.org/10.1007/s10566-022-09677-x>
- Rill, L., Baiocchi, E., Hopper, M., Denker, K., & Olson, L. N. (2009). Exploration of the relationship between self-esteem, commitment, and verbal aggressiveness in romantic dating relationships. *Communication Reports*, 22(2), 102-113. <https://doi.org/10.1080/08934210903061587>
- Rosenberg, M., Schooler, C., Schoenbach, C., & Rosenberg, F. (1995). Global self-esteem and specific self-esteem: Different concepts, different outcomes. *American sociological review*, 60(1), 141-156.
- Rosenberg, M., & Simmons, R. (1975). Sex differences in self-concept in adolescence. *Sex Roles*, 1(1), 147-159.
- Santos, A., Caridade, S., & Cardoso, J. (2019). Violência nas relações íntimas juvenis: (des)ajustamento psicossocial e estratégias de coping. *Contextos Clínicos*, 12(1), 2-25. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.01>
- Santos, M., & Caridade, S. (2017). Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas às consequências no (des)ajustamento psicossocial. *Psique*, 13(1), 18-39. <http://hdl.handle.net/11144/3818>
- Santos, M. (2015). *Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas ao (des)ajustamento psicossocial*. (Tese de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa.
- Seaton, C. (2009). Psychological Adjustment. In Lopez, S. *The Encyclopedia of Positive Psychology, Reference Reviews*, Malden, MA: Wiley-Blackwell, 796-801. <https://doi.org/10.1108/09504120910990128>
- Serra, A. V. (1988). O auto-conceito. *Análise Psicológica*, 2(6), 101-110.
- Shorey, R., Elmquist, J., Ninnemann, A., & Febres, J. (2012). The Association Between Intimate Partner Violence Perpetration, Victimization, and Mental Health Among Women Arrested for Domestic Violence. *Partner Abuse*, 3(1), 3-21. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.3.1.3>
- Silva, L., Tucan, A., Rodrigues, E., Del Ré, P., Sanches, P., & Bresan, D. (2019). Dissatisfaction about body image and associated factors: a study of young undergraduate students. *Einstein*, 17(4), 1-7. https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2019AO4642

- Smith, C., Becnel, J., & Williams, A. (2019). Body Image and Self-Esteem in Female College Students of Healthy Weight and Excess Weight: The Mediating Role of Weight Stigma. *American Journal of Undergraduate Research*, 16(2), 53–61. <https://doi.org/10.33697/ajur.2019.025>
- Turan, R., & Baki, D. U. Y. (2020). Self-esteem, attachment, gender roles and social approval as predictors of the attitudes toward dating violence. *Türk Psikolojik Danışma ve Rehberlik Dergisi*, 10(56), 1–36. <https://doi.org/10.1177/1077559509349444>
- Turner H., Finkelhor, D., & Ormrod, R. (2010). The effects of adolescent victimization on self-concept and depressive symptoms. *Child Maltreat*, 15(1), 76–90.
- Vasconcelos-Raposo, J. & Freitas, C. A. (1999). Self-esteem among the youth of Trás-os-Montes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 16(3), 32–46. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X1999000300004>
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2017). The associations of adolescents' dating violence victimization, well-being and engagement in risk behaviors. *Journal of Adolescence*, 55(1), 66–71. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.12.005>
- Veloso, N. (2013). Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e Diferenças entre Gêneros [Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/25815>
- Wincentak, K., Connolly, J., & Card, N. (2017). Teen dating violence: A meta-analytic review of prevalence rates. *Psychology of Violence*, 7(2), 224–241. <https://doi.org/10.1037/a0040194>
- World Health Organization (2002). World report on violence and health: summary. Geneva.
- Yilmaz, F., & Taplak, A. (2020). Relationship between self-esteem, perception of gender and attitudes towards dating violence among university students. *Perspectives in Psychiatric Care*, 57(2), 911–919. <https://doi.org/10.1111/ppc.12634>

Anexo A – Consentimento informado

Caro/a Participante,

O meu nome é Catarina Macedo e no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação na Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, encontro-me a desenvolver uma dissertação de mestrado, cujo título é "Violência no namoro: autoestima, imagem corporal e (des)ajustamento psicológico", sob orientação da Prof.^a Doutora Ângela Azevedo. Esta investigação tem como objetivo estudar a relação da violência no namoro com a autoestima, a imagem corporal e o (des)ajustamento psicológico em estudantes universitários.

Condições de Participação:

Para a realização desta investigação os participantes devem ser estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e 29 anos e que estejam atualmente numa relação de namoro, ou tenham estado numa relação de namoro nos últimos 12 meses. Estima-se que a duração do preenchimento desta recolha seja entre 20 a 30 minutos.

A informação recolhida neste estudo é confidencial. Os seus dados apenas serão utilizados para fins de investigação científica.

A participação é voluntária e em qualquer momento poderá interromper a participação neste estudo.

Peço que leia cada questão com atenção e cuidado, respondendo imediatamente e assinalando a opção que mais se adequa à sua situação.

Para qualquer esclarecimento adicional, por favor contacte:

Catarina Macedo: mcatarina1451@gmail.com

Agradeço desde já a sua colaboração.

Anexo B – Questionário sociodemográfico

Com o intuito de estudar o fenómeno da violência no namoro em estudantes universitários desenvolvemos este questionário.

É importante frisar que isto não é um teste, logo não existem respostas certas nem erradas. Queremos apenas recolher algumas informações sobre as suas características sociodemográficas.

A informação contida neste questionário é confidencial. As respostas serão analisadas em conjunto com as respostas de outros participantes para que dessa forma não seja possível identificar as respostas individuais de cada um.

Os seus dados individuais não serão fornecidos a ninguém e serão apenas utilizados para fins de investigação científica.

A participação nesta investigação é voluntária, logo, a qualquer momento poderá retirar o seu consentimento sem qualquer consequência.

1. Idade _____

2. Sexo _____

3. Escolaridade do pai

- a. 1º Ciclo do Ensino Básico
- b. 2º Ciclo do Ensino Básico
- c. 3º Ciclo do Ensino Básico
- d. Ensino secundário
- e. Licenciatura
- f. Mestrado
- g. Doutoramento

4. Escolaridade da mãe

- a. 1º Ciclo do Ensino Básico
- b. 2º Ciclo do Ensino Básico
- c. 3º Ciclo do Ensino Básico
- d. Ensino secundário
- e. Licenciatura
- f. Mestrado
- g. Doutoramento

5. Já sofreu alguma situação de violência no passado? (e.g., violência doméstica, violência numa relação de namoro passada)
 - a. Sim
 - b. Não
6. Já assistiu a situações de violência no passado? (e.g., violência doméstica)
 - a. Sim
 - b. Não
7. Encontra-se neste momento numa relação de namoro?
 - a. Sim
 - b. Não
8. Caso tenha respondido “Não” na questão anterior, esteve numa relação de namoro nos últimos 12 meses?
 - a. Sim
 - b. Não

Anexo C – CTS-2

COMPORTAMENTOS DA RELAÇÃO (CTS2)

(Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996; Versão Portuguesa: Paiva & Figueiredo, 2006)

Independentemente de duas pessoas se darem bem ou não, há alturas em que discutem, ficam aborrecidas uma com a outra, pretendem coisas diferentes uma da outra, ou têm quezílias ou brigas apenas porque estão de mau humor, cansadas ou por qualquer outra razão.

As pessoas têm também formas diversas de tentar resolver as suas diferenças. A seguir encontrará uma lista de coisas que podem acontecer quando duas pessoas têm diferenças. Por favor, assinale quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, você tenha feito cada uma dessas coisas e, também, quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, o seu companheiro o fizesse.

Marque com um (X) a resposta correspondente:

QUANTAS VEZES ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO?

1 = Uma vez no ano

2 = Duas vezes no ano

3 = 3 a 5 vezes no ano

4 = 6 a 10 vezes no ano

5 = 11 a 20 vezes no ano

6 = Mais de 20 vezes no ano

7 = Não naquele ano, mas aconteceu antes ou depois

0 = Isso nunca aconteceu

AFIRMAÇÕES	Uma vez no ano	Duas vezes no ano	3 a 5 vezes no ano	6 a 10 vezes no ano	11 a 20 vezes no ano	Mais de 20 vezes no ano	Não naquele ano	Isso nunca aconteceu
1. Mostrei ao meu companheiro(a) que me preocupava com ele, mesmo que discordássemos	1	2	3	4	5	6	7	0
2. O meu companheiro(a) mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos	1	2	3	4	5	6	7	0
3. Numa discussão, expliquei ao meu companheiro (a) o meu ponto de vista	1	2	3	4	5	6	7	0
4. O meu companheiro (a) explicou-me o seu ponto de vista numa discussão	1	2	3	4	5	6	7	0
5. Insultei ou disse palavrões ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
6. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
7. Atirei ao meu companheiro (a) alguma coisa que o poderia magoar	1	2	3	4	5	6	7	0
8. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
9. Torci o braço ou puxei o cabelo ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
10. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
11. Tive uma entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
12. O meu companheiro (a) teve uma entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
13. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro (a) acerca de um assunto	1	2	3	4	5	6	7	0
14. O meu companheiro (a) mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto	1	2	3	4	5	6	7	0
15. Fiz o meu companheiro (a) ter relações sexuais sem preservativo	1	2	3	4	5	6	7	0
16. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
17. Empurrei ou apertei o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0

18. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
19. Usei a força (e.g. batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro (a) tivesse sexo oral ou anal comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
20. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
21. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
22. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
23. Desmaiei porque o meu companheiro (a) me atingiu na cabeça durante uma luta	1	2	3	4	5	6	7	0
24. O meu companheiro (a) desmaiou porque eu o/a atingi na cabeça durante uma luta	1	2	3	4	5	6	7	0
25. Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
26. O meu companheiro (a) chamou-me de gordo ou feio	1	2	3	4	5	6	7	0
27. Esmurrei ou bati no meu companheiro (a) com algo que o poderia magoar	1	2	3	4	5	6	7	0
28. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
29. Destruí algo que pertencia ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
30. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
31. Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
32. O meu companheiro (a) foi ao médico por causa de uma luta comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
33. Tentei sufocar o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
34. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
35. Gritei ou berrei ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
36. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
37. Atirei o meu companheiro (a) contra a parede	1	2	3	4	5	6	7	0
38. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
39. Disse ao meu companheiro (a) que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema	1	2	3	4	5	6	7	0
40. O meu companheiro (a) disse-me que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema	1	2	3	4	5	6	7	0
41. Precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro(a), mas não o fiz	1	2	3	4	5	6	7	0
42. O meu companheiro (a) precisava de ter ido ao médico por causa de uma luta comigo, mas não o fez	1	2	3	4	5	6	7	0
43. Dei uma tarefa ao meu companheiro(a)	1	2	3	4	5	6	7	0
44. O meu companheiro fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
45. Agarrei à força o meu companheiro	1	2	3	4	5	6	7	0
46. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
47. Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro (a) tivesse relações sexuais comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
48. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
49. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
50. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
51. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro (a) não queria (mas não usei a força física)	1	2	3	4	5	6	7	0
52. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
53. Dei uma bofetada ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
54. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
55. Tive uma fratura devido a uma luta com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
56. O meu companheiro (a) teve uma fratura devido a uma luta comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
57. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro (a) tivesse sexo oral ou anal comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
58. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
59. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento	1	2	3	4	5	6	7	0
60. O meu companheiro (a) sugeriu um acordo	1	2	3	4	5	6	7	0
61. Queimei ou escaldei o meu companheiro (a) de propósito	1	2	3	4	5	6	7	0
62. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
63. Insisti com o meu companheiro (a) para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)	1	2	3	4	5	6	7	0

64. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
65. Acusei o meu companheiro/a de ser mau amante								
66. O meu companheiro/a fez isso comigo								
67. Fiz algo para irritar o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
68. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
69. Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
70. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
71. Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
72. O meu companheiro (a) sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que tivemos	1	2	3	4	5	6	7	0
73. Dei pontapés nesse meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
74. O meu companheiro (a) deu-me pontapés	1	2	3	4	5	6	7	0
75. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro tivesse relações sexuais comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
76. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
77. Concordei em tentar uma solução sugerida por esse meu companheiro (a) para um desentendimento	1	2	3	4	5	6	7	0
78. O meu companheiro (a) concordou em tentar uma solução que eu sugeri	1	2	3	4	5	6	7	0

Anexo D – RSES

Segue-se uma lista de afirmações respeitantes ao modo como se sente acerca de si próprio(a). À frente de cada uma delas assinale com uma cruz (X), na respectiva coluna, a resposta que mais se lhe adequa.

A	B	C	D	E	F
CONCORDO TOTALMENTE	CONCORDO	CONCORDO PARCIALMENTE	DISCORDO PARCIALMENTE	DISCORDO	DISCORDO TOTALMENTE

1	Globalmente estou satisfeito(a) comigo próprio(a).	A	B	C	D	E	F
2	Por vezes penso que nada valho.	A	B	C	D	E	F
3	Sinto que tenho um bom número de qualidades.	A	B	C	D	E	F
4	Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das outras pessoas.	A	B	C	D	E	F
5	Sinto que não tenho muito de que me orgulhar.	A	B	C	D	E	F
6	Por vezes sinto-me de facto um(a) inútil.	A	B	C	D	E	F
7	Sinto que sou uma pessoa com valor, pelo menos num plano de igualdade com os outros.	A	B	C	D	E	F
8	Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a).	A	B	C	D	E	F
9	Em termos gerais inclino-me a achar que sou um(a) falhado(a).	A	B	C	D	E	F
10	Adopto uma atitude positiva perante mim próprio(a).	A	B	C	D	E	F

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO.

Autor: M. Rosenberg

Anexo E – ASI-R

Inventário de Esquemas sobre a Aparência — Revisto

(Cash, Melnyk, & Hrabosky, 2004; Adaptação de Nazaré, Moreira & Canavarro, 2010)

As afirmações que se seguem são opiniões que as pessoas podem ter ou não ter acerca da sua aparência física e da influência que esta tem nas suas vidas. Decida em que medida concorda ou discorda de cada afirmação e assinale com uma cruz a alternativa que melhor corresponde à sua opinião. Não há respostas certas ou erradas. Procure apenas ser fiel às suas opiniões pessoais.

Discordo fortemente 1	Discordo 2	Não concordo nem discordo 3	Concordo 4	Concordo fortemente 5
1.	Perco pouco tempo com a minha aparência física.			① ② ③ ④ ⑤
2.	Quando vejo pessoas com boa aparência, pergunto a mim próprio se a minha aparência estará à altura.			① ② ③ ④ ⑤
3.	Tento ser fisicamente tão atraente quanto consigo.			① ② ③ ④ ⑤
4.	Nunca dei muita atenção ao meu aspeto físico.			① ② ③ ④ ⑤
5.	Raramente comparo a minha aparência com a das outras pessoas.			① ② ③ ④ ⑤
6.	Vejo-me muitas vezes ao espelho, para ter a certeza de que a minha aparência física está bem.			① ② ③ ④ ⑤
7.	Quando acontece alguma coisa que me faz sentir bem ou sentir mal em relação à minha aparência tenho tendência a pensar muito nisso.			① ② ③ ④ ⑤
8.	Se, num determinado dia, eu gostar da minha aparência, é fácil sentir-me feliz com outras coisas.			① ② ③ ④ ⑤
9.	Se alguém tivesse uma reação negativa em relação ao meu aspeto físico, isso não me incomodaria.			① ② ③ ④ ⑤
10.	No que respeita à minha aparência física, tenho padrões de exigência muito elevados.			① ② ③ ④ ⑤
11.	A minha aparência física tem tido pouca influência na minha vida.			① ② ③ ④ ⑤
12.	Vestir-me bem não é uma prioridade para mim.			① ② ③ ④ ⑤
13.	Quando conheço pessoas penso no que elas irão achar da minha aparência.			① ② ③ ④ ⑤
14.	No meu dia-a-dia acontecem muitas coisas que me fazem pensar no meu aspeto físico.			① ② ③ ④ ⑤
15.	Se eu não gostar da minha aparência num determinado dia, é difícil sentir-me feliz com outras coisas.			① ② ③ ④ ⑤
16.	Costumo fantasiar sobre como seria a minha vida se fosse fisicamente mais atraente do que sou.			① ② ③ ④ ⑤

17.	Antes de sair de casa, certifico-me de que a minha aparência está tão bem quanto me é possível.			① ② ③ ④ ⑤	
18.	A minha aparência é uma parte importante daquilo que sou.			① ② ③ ④ ⑤	
	Discordo fortemente 1	Discordo 2	Não concordo nem discordo 3	Concordo 4	Concordo fortemente 5
19.	Ao controlar a minha aparência, consigo controlar muitos aspetos sociais e emocionais na minha vida.			① ② ③ ④ ⑤	
20.	A minha aparência é responsável por muitas das coisas que aconteceram na minha			① ② ③ ④ ⑤	

Anexo F – BSI

BSI

(Derogatis, 1982; Versão Portuguesa por: Canavarro, 1999)

A seguir encontra-se uma lista de problemas e sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma **marque apenas um espaço com uma cruz (X)**. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior					
2. Desmaios ou tonturas					
3. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente					
4. Dores sobre o coração ou no peito					
5. Pensamento de acabar com a vida					
6. Perder o apetite					
7. Ter um medo súbito sem razão para isso					
8. Ter impulsos que não se podem controlar					
9. Sentir-se sozinho					
10. Sentir-se triste					
11. Não ter interesse por nada					
12. Sentir-se atemorizado					
23. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos					
14. Sentir que as outras pessoas não são suas amigas ou não gostam de si					
15. Sentir-se inferior aos outros					
16. Vontade de vomitar ou mal do estômago					
17. Dificuldade em adormecer					
18. Sensação de que lhe falta o ar					
19. Calafrios ou afrontamentos					
20. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo					
21. Sentir-se sem esperança para o futuro					
22. Falta de forças em partes do corpo					
23. Sentir-se em estado de aflição ou tensão					
24. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer					
25. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém					
26. Ter vontade de destruir ou partir coisas					
27. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas					
28. Ter ataques de terror ou pânico					
29. Entrar facilmente em discussão					
30. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado e quieto					
31. Sentir que não tem valor					
32. Ter sentimentos de culpa					